PARA TODOS...
ANNO XII - NUM. 579
18 JANEIRO
1930
PREÇO 1$

Cinearte-Album para 1930

◆ ◆ ◆

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

◆ ◆ ◆

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS DESLUMBRANTES

◆ ◆ ◆

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

◆ ◆ ◆

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas

◆ ◆ ◆

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

◆ ◆ ◆

RIQUISSIMA CAPA COM GRACIA MORENA

◆ ◆ ◆

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

◆ ◆ ◆

Um livro de Sonhos e Encantos...

A' VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza!... O livro de WILLIAM HART... GRETA GARBO.. Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos, Originalidade sem par!...

PREÇO 8$000

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 -- CAIXA POSTAL, 880

RIO DE JANEIRO

Quando a belleza loura de Helena Santias começou a ficar fóra de moda no Casino de Torre Alta; quando todo o melhor do contigente masculino, tendo-lhe rendido culto fervoroso sem obter em troca, mais do que uma correcta amabilidade, deixou-a emfim tranquilla, foi quando ella commetteu a fraqueza de se apaixonar. Chegára aos 25 annos, sem que nenhum homem conseguisse emocional-a. Olhava-os todos com desconfiança e, antes de que uma só qualidade, descobria nelles mil defeitos; achava-os falsos, e sobretudo, incapazes de saberem amal-a como queria ella que o fizessem. Já começava a se considerar "incasavel", e longe de entristecer, alegrava-se com isso.

Não era preferivel ficar solteira do que realizar um casamento que logo se tornasse ingrato e insupportavel. Mas um dia, Jorge Durán, filho duma das principaes familias de Torre Alta, voltou da Africa, onde passára dois annos. Jorge contava uns tres annos menos que Helena; por isso, quando ella já era uma mulher que deslumbrava por sua sympathia e belleza, elle ainda era um rapazinho que a admirava de longe, com fervor, sem ousar se approximar. Ao regressar d'Africa, com a pelle morena e curtida e todo o aspecto de um homem, encontrou-a mais adoravel de que quando a deixára, menos assediada e um pouco mais accessivel. Então, atreveu-se a dizer-lhe que a amava.

Embora já lhe tivessem dito o mesmo muitas vezes, pareceu-lhe ser essa a primeira, e agradou-lhe pensar assim.

— Eu ainda não te amo — disse a Jorge, — mas estou quasi certa de que chegarei a amar-te. E assim foi: bastaram umas horas passadas sob o olhar ardente de Jorge, ouvindo-lhe as palavras, mais ardorosas ainda, para que se sentisse apaixonada, e puzesse nelle todo o amor de su'alma, tanto tempo comprimido.

A PROVA

Helena tardára em amar; seu amor não era a illusão romantica e fragil da menina, e sim a paixão verdadeira da mulher, e, além do homem que soubera accender no seu coração o fogo sagrado, já não havia nada na vida. Porém, então, foi presa de um temor que a torturava constantemente: que o amor de Jorge fosse passageiro, que cessasse um dia, ou que, si deslumbrado pela sua belleza a tornasse sua mulher, talvez se transformasse depois num marido indifferente, como tantos, o que é peor.

A incerteza era cada vez mais angustiosa e cada vez maior a desconfiança. Parecia-lhe vêr nelle um assomo de indifferença; que o seu interesse por ella declinava, e que as suas palavras e os seus olhares de fogo eram fingidos. "Mas, por que ha de fingir? — pensava depois. — O que o traz a esses amores, si não me quer? O interesse não póde ser; elle é muitissimo mais rico do que eu: então?"

Fazia um esforço para repellir a duvida torturante; mas só o conseguia por um momento; depois, ella voltava, insistente, a martyrisar-lhe o cerebro.

E, na sua inconsciencia de apaixonada, incredula, disse: "E' preciso pôr em prova o seu amor". Como si esse sentimento mysterioso, que surge sem se saber porque, e que tambem de igual modo se desvanece, podesse ser posto em prova...

A casualidade veiu auxilial-a. A commissão de festejos de Torre Alta, talvez ignorando as suas relações com Dusán, convidou-a para dirigir o "cotillon".

Isto lhe deu motivo para fazer algumas considerações: Por que não dirigiria o "cotillon"? Por que não agradaria a Jorge, elle se incommodaria, sem duvida; mas... e si lhe fosse indifferente? E si elle não se preoccupasse porque sua noiva passasse a noite dansando com outros? Si lhe désse liberdade para acceitar o convite, era porque não a amava de verdade... Apresentava-se, pois, a occasião de obter a desejada prova. Acceitou.

A noticia de que Helena Santias dirigiria o "cotillon" não demorou a chegar ao Casino, onde se achava Durán, em uma roda de amigos. Elle não poude reprimir um movimento de surpresa.

— Isso não é verdade! — gritou. — Helena não fará isso!

— Vaes vêr como o fará — disse outro, prophetico. — Tu não a conheces bem; nem tu nem ninguem a conhece. Sempre nos desconcertou com as suas sahidas... E tu não te deves offender, porque, depois de tudo, conseguiste della o que nunca ninguem conseguiu: ella te disse que te ama. Póde não ser verdade, mas sempre é alguma cousa.

Durán não respondeu; sahiu do salão, angustiado e receioso dos seus pensamentos Adorava Helena com esse fogo dos vinte annos, que céga e enlouquece.

Chegou á sua janella, antes da hora do costume; no entanto, ella já o estava ali esperando.

Bruscamente, sem cumprimental-a, disse-lhe:

— E' verdade que vaes dirigir o "cotillon"?

Ella respondeu, simulando uma tranquillidade que estava longe de sentir.

— Sim. Achas mal isso?

— Ah! Mas tu me perguntas? Perguntas se está mal? E assim, tão tranquilla!

Olhava-a, attonito, com tristeza profunda nos seus olhos escuros, pelos quaes passavam relampagos de ira reprimida. Helena teve impetos de pôr os braços para fóra das grades, para abraçal-o e dizer-lhe: "Não, amor; eu não farei isso: foi uma brincadeira, só para vêr si me querias tanto como eu a ti."

Mas conteve-se, desejava ir até o fim, assegurar-se de uma vez do carinho de Jorge. Essa indignação bem podia ser passageira; apenas temor ao ridiculo.

— Não sei por que ficas assim — respondeu.— Comprehendo que não te agrada que eu danse, mas não é dansar, é...

— Olha, menina — interrompeu elle, — para que discutir? Não é que me agrade nem desagrade; a ti é que não devia agradar; tu é que não devias gostar de nada que não fosse estar a meu lado, si me quizesse...

— E te quero — disse ella, com certa frieza calculada; — mas...

— Vês, ha um mas; não, não me queres... E's o que todos dizem: uma mulher fria, egoista, sem coração... E eu sou um idiota. Tinha-te levado a sério! Quando é essa festa? — perguntou, mudando de tom, com apparente indifferença.

— Depois de amanhã.

— Está bem. Adeus!

E se afastou, sem voltar a cabeça.

Chegou a noite da experiencia. Helena não tornára a vêr o noivo e não sabia o que pensar. Elle viria impedir que fosse ao baile, no momento justamente de sahir? Pensaria em romper com ella? Esta supposição era a mais provavel; a primeira, a que ella ansiava e desejava, era talvez um pouco arriscada. Quasi se arrependia de sua obra, de ter ella mesma quebrado a sua illusão. Não era mil vezes preferivel a vida ao lado de Jorge, mesmo que elle a enganasse, a vêr-se eternamente separada delle?

Uma hora antes da marcada para a festa, começou a se vestir, embora nunca tivesse pensado assistir a ella. Só acceitára a direcção do "cotillon" para experimentar Jorge, e ainda se atrevia a esperar que este apparecesse á ultima hora, afim de se oppôr energicamente.

Já vestida, e como que impellida por um presentimento, encaminhou-se para o "hall". No humbral da porta que dava para o jardim, com o chapéo enterrado, as mãos nos bolsos do casaco e um olhar extranho nos olhos sombrios, estava Jorge.

Ao vêl-a, todo o seu sêr, pareceu convulsionar-se e com os labios crispados, murmurou:

— Ah! Mas tu vaes? Vaes, apezar de ter visto a minha attitude?

Ella, querendo sentir mais palpavel ainda a prova ansiada, respondeu:

— Vou, sim. E depois?

Sem se mover do logar, sem mudar de posição, elle respondeu, com voz surda:

— Não irás!

Helena já não duvidava; porém, a sua vaidade feminina quiz gozar mais um pouco o seu triumpho.

— Veremos! — replicou sorrindo.

— Veremos! — repetiu elle, num tom extranho.

E antes de que ella se pudesse aperceber, ao se dirigir a elle, para dar por terminada a farsa; ouviu uma detonação e simultaneamente sentiu uma dôr horrivel na cabeça, da qual brotou um jorro quente. A bala apenas roçára-a, indo incrustar-se na parede; mas o susto, antes que a dôr, a fez cahir desmaiada.

Foi só um instante; levantou-se logo, sem fazer caso do sangue que lhe manava da cabeça, banhando-lhe o hombro e as costas; mas Jorge já não estava ali.

Um segundo disparo sôou aos seus ouvidos.

Sahiu para o jardim. A pouca distancia, na avenida central, acabava de cahir Jorge, ainda com vida.

Ao vêr a noiva, atravez do véo que a morte lhe estendia ante os olhos, sussurrou:

— Perdôa-me, Helena! Eu estava louco... Eu te amava tanto!

— Tu é que deves perdoar, Jorge! Meu amor! — gritou Helena, approximando os labios da face ensanguentada de Jorge. — Quiz experimentar o teu affecto, porque te adoro, sabes? ouves? receiava que tu não me quizesses... mas nunca pensei em ir a esse baile...

Nos olhos de Jorge houve um rapido resplendor de immensa alegria; depois, um socego ineffavel, e depois, nada: fecharam-se suavemente.

Helena julgára que a ferida de Jorge fosse como a della, leve; mas logo comprehendeu, louca de dôr, que tinha um cadaver entre os braços...

Morrendo por seu amor, Jorge Durán lhe dera assim a prova concludente e definitiva.

Traducção de ANELÊH.

SARAH INSÚA

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES

ALMANACH DO O TICO TICO

PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil

No Instituto de Musica

O. L. de C.

Já me tinham dito que nas veias desta minha gentilissima colleguinha corre "leite" — perdão! corre sangue hespanhol... Eu não queria acreditar, mas afinal estou hoje convencido de que talvez isso seja verdade. Pelo menos, a predilecção que ella tem pelas musicas de Granados é tão grande, que chega a ser suspeita.

Ainda ha pouco tempo, ouvi-a cantar "Tonadillas" de Granados e veriquei que essa musica exerce sobre o seu espirito uma influencia enorme. Ella fica transfigurada, "sente" aquellas duas paginas de uma moneira extraordinaria.

Dizem que ella tem pendurado em sua sala, em cima do piano, um enorme retrato de Granados. E ella diz que é para poder "melhor se inspirar nelle e cantar as suas musicas".

Na opinião da sua collega A. C. de M., que é a indiscreção em pessoa, isso é fita, porque a O. quando canta, não sabe o que faz... E como se isso não bastasse para justificar as suas palavras, a A. accrescenta: "Granados já morreu, felizmente, e nunca ouviu a O. cantar...

Eu não gosto muito de dar a minha opinião sobre o merito das minhas collegas. Se gostasse, talvez dissesse que a A. C. de M. tinha razão.

Eu me explico melhor. No verão passado, eu fui espairecer um pouco em uma estação da Central do Brasil. Lá encontrei a O., com quem fiz boa camaradagem. A falar francamente, não tratamos de musica, nem do Instituto. Só pensavamos em passeios e em dansas no hotel onde estavamos hospedados. Nesse hotel tambem se achava uma senhora do Rio, muito fina, grande apaixonada de musica, mas de musica boa. E com ella passou-se um incidente que nunca mais esqueci. Uma noite, quando apenas tinhamos chegado e não havia ainda quasi ninguem no hotel, a O. quiz cantar um pouco. E, como ella mesma se acompanhasse, foi para a sala do hotel, sentou-se ao piano e cantou a "Aria de Micaela", da "Carmen", de Bizet. A tal senhora, quando ella acabou de cantar, continuou imperturbavel, em sua cadeira, lendo um annuncio do Circo. A O., então, vendo-a, quiz ser gentil e perguntou-lhe:

— A senhora gosta de musica?

E ella respondeu:

— Sim, gosto muito, mas não me incommoda... Póde continuar...

Será que a A. C. de M. tem razão?

A Escola Activa

Os processos de pedagogia constituiram sempre assumpto para uma serie vasta de estudos e experiencias. No momento, porém, a escola nova absorve todos os estudiosos que se interessam, mais e mais, pelo exito dos processos pedagogicos modernos. E entre esses estudiosos alguns ha de louvavel e notorio valor, como o professor Heitor Pereira, cuja existencia é uma educação dos jovens. Isso mesmo acaba de ser exuberantemente provado pelo professor Heitor Pereira, organizando a "Estante de Educação e Ensino", serie de livros sobre a pedagogia moderna. O primeiro desses livros acaba de apparecer: é "A Escola Activa" — estudo consciencioso e logico do processo de educação contemporaneo e seus immediatos resultados praticos. A escola nova, adaptada entre nós, já evidenciou resultados, senão brilhantes, pelo menos satisfactorios. Mas esses resultados melhor se apurarão quando os applicadores do methodo drecolyano de educação estiverem fartamente providos de certas observações, de todo indispensaveis. Taes observações constituem o livro. "A Escola Activa", onde o professor Heitor Pereira reuniu e expoz, com clareza logica, varios aspectos da escola moderna. O professor Heitor Pereira póde estar certo de que o primeiro livro da sua "Estante de Educação e Ensino" é leitura de muito valor para os adeptos da escola nova. E' um bom e util livro. — C.

Pasta aberta

Noite Illuminada

— Mamãe, que noite bonita está fazendo! Quanta gente alegre pelas ruas; e mamãe está tão triste...

— Estou pensando na tua felicidade...

— Então, mamãe, conte uma historia bonita como a noite de Natal...

— Bonita como a noite de Natal...

E a mulher que não tinha dinheiro nem felicidade começou a pensar numa historia bonita para dizer á sua filha. Essa noite era a de Natal. Todos que passavam defronte á sua velha casa denegrida, iam satisfeitos como se tivessem ganho um bilhete da melhor loteria do anno. Levavam muitos presentes para os seus filhinhos que os esperavam com ansiedade. Gastavam nessa noite cheia de luz metade das economias feitas durante os mezes anteriores. Ninguem se lembrava dos dias de trabalho exhaustivo. A noite de Natal é a esponja que apaga as amarguras do quadro negro da Vida.

— Diga, mamãe...

Era difficil recordar um conto bonito. Entretanto não se esquecia que sua filhinha não ganhara nenhum presente. Não havia dinheiro em casa... E essa noite com que as crianças sonham tantas vezes, seria mais triste do que as noites que não têm mysterios. Mas era preciso que a menina adormecesse para sonhar com os brinquedos engraçados que não recebeu. E com os olhos inundados de lagrimas, principiou:

— "Era uma vez uma noite de Natal com muitas estrellas acordadas. Muito longe havia nascido uma menina que vivera do céo numa dessas estrellas contentes. A terra ficou illuminada. Toda a gente teve de fechar os olhos durante alguns minutos. Depois a estrellinha tornou a subir no céo até que ficou pequena, menor ainda do que os teus olhos bem azues. Então a menina ficou triste e deu para chorar tanto que a estrella veiu buscal-a outra vez. E quando ambas chegaram lá no céo, bem por cima da tua cabeça, a menina despetalou as rosas cheias de perfume que foi colhendo pelo caminho. E duas pétalas azues cahiram nos teus olhos que mal se abriam. E as pétalas desmaiadas inundaram de claridade o teu corpo pequenino que veiu do céo nessa noite bonita de Natal..."

Uma saudade profunda se apoderou do seu coração de mãe. E tomando de sua filhinha querida beijou-a tanto como se por acaso tivesse de partir para o sonho maior da Eternidade!...

O céo chorava estrellas illuminadas...

Tito Pery.

Melancolia

Languida e febril a tarde roxa agonizava. Violaceas, as nuvens se esgarçavam perdidas no espaço. Indolente, um carro de boi gemia triste na estrada. Quasi imperceptivel, ouvia-se a voz metalica do boiadeiro cantando nostalgicas canções, cujas notas perdiam-se na solidão, e misturavam-se com o ruido da briza na folhagem das arvores, que bailavam freneticas, num rythmo selvagem. Oxydado, o rio serpenteava por entre mil e um tons dos campos que o margeavam, e se estendiam como resplandecente esteira de vivas esmeraldas, até aquellas estereis montanhas Subtis, as andorinhas, de par em par, ligeiras se recolhiam. No pasto era agoureiro e constante o mugir do gado taciturno. Aos sons saudosos dos sinos que soluçantes repicava a Ave-Maria, todos os corações se abriam fervorosos e supplicantes pela paz e felicidade dos seus entes mais queridos. Na poeirenta estrada erguia-se, sombria e triste, uma negra cruz. Anoitecia vagarosamente. No céo, radiosas, as estrellas faziam-se apparecer. Os grillos orchestravam suas musicas bizarras. Os sapos coachavam funebre e descompassadamente. E uma tristeza profunda envadiu todo o espaço. De quando em quando o clarão da calmaria, illuminando, destacava a silhueta negra daquella cruz solitaria. Uma luz mais forte, amarellada, tingiu-a dessa côr, clareando então a figura arquejante duma tremula velhinha que accendeu outras vellas que mais illuminaram a cruz.

Collocou sobre ella escuras violetas, abaixou-se em postura religiosa e com as mãos sobre o rosto macerado, elevou ao céo uma sentida prece pela alma daquelle cujo corpo dormia o somno eterno, sob aquella tetrica cruz de páo! Logo apoz ergueu-se, fez o signal da santa cruz e sahiu devagarinho encolhendo-se nos trapos que mal lhe cobriam o corpo, e com a alva cabeça pendida sobre o peito, desappareceu nas sombras da noite.

Mario Bicudo.

■

A gente não sabe porque

A gente ás vezes fica quieto.

Mudo. Surdo. Nada vê. Nada sente.

Parece que a gente perdeu alguma cousa.

O corpo está aqui.

Mas a alma?

A alma está longe, longe. A's vezes em Paris, no Japão, em Sapopemba, na Hollanda, em Pindamonhangaba.

Outras vezes não está de volta. Vem de aeroplano. Vem de vapor. Vem a pé. Vem sem a gente saber como.

Quando ella volta, chega sempre com o seu amigo suspiro.

A gente suspira. Passaporte para se saber que ainda se vive.

Outras vezes a alma da gente vae brincar de esconder, de quatro cantos, com a alma da bonequinha que Deus deu á gente de presente.

A gente não sabe porque ganhou esse presente, mas agradece sempre porque Deus sabe o que faz.

Dizem que Deus dá o mal e o remedio.

Mas cadê o remedio?

Débio Tourniquêtta.

■

Você...

Eu gosto tanto de você...

Eu conheço bastante meninas bonitas... Bastante...

Mas, não sei porque, não gosto dellas como gosto de você...

Tambem você tem uns olhos bonitos!

Parecem com as bolinhas de vidro que meu irmão tem... Das bolinhas que elle ganhou quando elle fez annos...

Eu gosto tanto das bollinhas de meu irmão!...

...igualzinhas ás bolinhas dos olhos de você...

—

Os meus olhos são da côr das bolas de aço do filho do jardineiro!...

As bolinhas de aço são malvadas!

Só servem para quebrar as bolinhas de vidro do meu irmão...

—

Eu gosto tanto de olhar para os olhos de você... Gosto!...

Mas tenho medo que as bolas de aço dos meus olhos quebrem as bolinhas dos olhos de você...

—

A's vezes você me olha com uns olhos tristes... molhados...

Parece que você chora tanto!...

Eu quando vejo os olhos de você assim, fico triste, aquelle dia quando as bolinhas de vidro cahiram no tanque...

As bolinhas dos olhos de você tambem cahiram nagua? Cahiram?

Fala que eu quero chorar com você.

—

Eu tambem gosto das mãos de você...

As mãos de você são macias como o pello do meu gatinho...

E eu gosto tanto de alisar o pello do meu gatinho.

—

Fica juntinha de mim que eu tenho medo de ficar sem você...

Os outros meninos são tão máos!... e você é tão boazinha.

E, depois, eu gosto tanto de você...

—

Se você soubesse como eu gosto de você, você não brincava mais com o Joãozinho...

Elle é malvado! Elle puxa o rabo do meu gatinho e quebra as bonecas de você...

—

Quando chegar o Natal, eu vou peidr prá Papae Noel me trazer umas bolinhas de vidro bonitas como, os olhos de você...

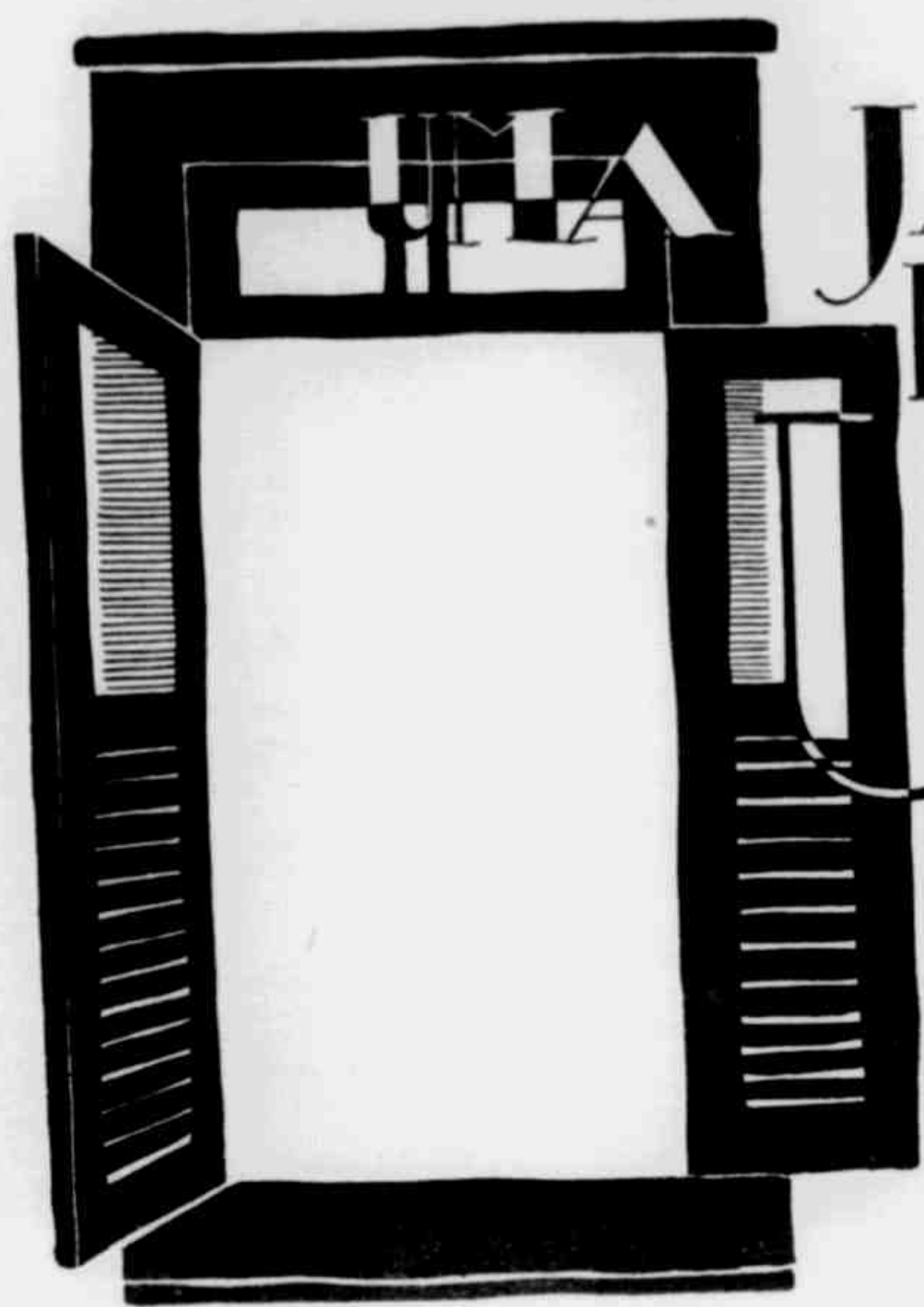
E, depois, quando eu ficar grande, eu vou pedir prá sua mãe dar você prá mim...

Eu quero brincar com as bolinhas dos olhos de você...

Moabita.

D a B a h i a

Senhorita Nair de Freitas, Miss Bahia de 1929, e suas primas Tiêta e Celina, numa praia da cidade do Salvador. Em cima, á esquerda, com os vestidos do baile ás "misses" realizado aqui no Botafogo F. C.

PARA TODOS...

UMA JANELLA ILLUMINADA

MARIA EUGENIA CELSO

UMA janella illuminada...

Um **quadrilatero** de ouro fôsco incrustado **na escuridão** de em torno.. a moldura **sem têla de um quadro de** intimidade, que eu **adivinho**... o distante engaste de meu sonho desta noite...

Olha-a de longe, aberta para o frescor nocturno como para o hausto de uma longa aspiração. Olha-a de baixo, pendurada neste sobrado que não vejo, alumiando docemente a opacidade do paredão.

A luz que lhe enche o caixilho vazio tem, na distancia, qualquer cousa de esbatido, de velado, de pensativo.

E' uma luz de lamparina ou de **abat-jour**. Uma luz retrahida de lampada de estudo.

Não se espraia, nem espadana em reflexos dispersos, condensou toda a nublada potencia de sua irradiação no blóco tão pallidamente doirado que encaixou na janella.

E' uma luz de calma, de leitura, de meditação.

Encho-me os olhos della, embebo-me toda da tranquilla doçura de seu clarão, aspiro-lhe assim de longe, ah! tão de longe, a discreta suavidade...

E, sem querer, a alma perdida no devaneio vago desta contemplação, meu sonho vae debuxando pela claridade baça deste painel um perfil mais vago ainda...

E' o romantismo inconsciente de uma cabeça de intelligencia e de melancolia... a esquivança de uns claros olhos frios... o furtivo abandono de um sorriso... O perfil mal delineado do semblante que, nesta janella illuminada, mais luminosamente se engastaria.

Pinto-o de memoria, um pouco a medo, immaterialmente, como se receiasse mudal-o, espoucar-lhe a natural nobreza...

E' um perfil de que não conheço toda a escala de expressões.

E' justamente por isto, ternamente, doidamente, inebriadamente lhe dou a expressão que lhe quizera vêr um segundo, transfiguradoramente, para mim...

Uma janella illuminada... tão perto assim, mas tão distante... tão distante...

Estendo-lhe os braços, por vezes, como a creança para o brinquedo que não póde ter. E fico a scismar que a felicidade... — quem sabe?... — seria poder fechal-a um dia...

Fechal-a immediatamente sobre o aconchego de uma impossivel intimidade, para que se não perdesse lá fóra uma parcella siquer da cumplice caricia de sua luz...

O encanto do passado

Palavras de

Dominique Sylvaire

Não é preciso nenhum esforço para fazer o elogio de uma época que não se conheceu; as saudades imaginarias são as menos penosas. São tambem as mais puras. O louvor de quem se recorda é sempre dirigido a momentos escolhidos, os seus suspiros têm uma origem confusa: antes de reanimar a imagem de uma felicidade, serviram para excitar a memoria com algumas lagrimas.

Nada altera as fantasias do pensamento; ellas contam, livremente, com os favores da perfeição, e o mais amavel dos passados é ainda o dos outros. Como o Imperio é bonito na Republica!

Tortoni, Valentino, Longchamp de Morny, os Italiens, Compiégne, Baden-Baden... A vida risonha e brilhante com crinolinas e casacas pretenciosas. Depois de Luiz XVI, não tinha havido outra época tão perturbadoramente consagrada aos prazeres e ás graças. Com as crinolinas, o seculo XVIII volta a Paris, depois de longa ausencia e completa os annos de frivolidade que a Revolução abolira. As marquezas mudaram de envolucro mas as almas foram reencontradas. Gastaram-se para isso tres quartos de um seculo: a alma de uma marqueza é coisa voluvel; o vento que a carrega guarda-a e leva tempo para devolvel-a á terra.

De certo, nesse intervallo, o prazer viveu outras horas; por volta de 1800 sobretudo; mas, então, os seus gestos eram bruscos e vingativos; pagava os soffrimentos que lhe haviam imposto e depois da victo-

No tempo alegre das crinolinas

Desenhos de P. Mourgue

ria saciava-se de assaltos. Sob as crinolinas elle reina com a serenidade de um gastronomos; não tira desforras, abandona-se á sua vocação; é uma existencia feliz que nada tem para esquecer, que não se sente vigiada por nenhuma ameaça.

Examinemos nas gravuras antigas as elegantes e os dadys; respiremos atravez do desenho a atmosphera em que viviam; evoquemos a fantasia com a qual se embriagavam e confessemos se não desejariamos ter vivido entre elles. Gravuras! Muitas vezes o gosto por uma época só nos vem dellas. Tragica ou risonha, a historia é bella quando dorme. E é na gravura que ella está adormecida.

A época das crinolinas repousa sob a imagem da alegria, está imobilisada no prazer; um perfume de indolencia a rodeia. Parece ignorar tudo que não seja diversão, luxo, bôa mesa, baile, espectaculo; sonha com dias de prazer e noites de loucura. Gramont-Caderousse e a condessa de Castiglione velam á sua cabeceira e, dormindo, ella vê que se animam as palavras que os dois murmuram: "Dansa... Ceia... Tilbüry... Opereta..."

Sem duvida, essa é apenas uma face da historia, o outro lado é mais sombrio. O tempo das crinolinas — como todos os tempos! — não foi sómente de prazer. A' margem elaboravam-se dramas e preparavam-se desgraças. Mas, para que ir tão longe? Que nos satisfaça o que temos diante dos olhos. As gravuras tambem têm margem e a margem é branca...

O encanto do passado

Palavras de

Dominique Sylvaire

Tortoni, Valentino, Longchamp de Morny, os Italiens, Compiégne, Baden-Baden... A vida risonha e brilhante com crinolinas e casacas pretenciosas. Depois de Luiz XVI, não tinha havido outra época tão perturbadoramente consagrada aos prazeres e ás graças. Com as crinolinas, o seculo XVIII volta a Paris, depois de longa ausencia e completa os annos de frivolidade que a Revolução abolira. As marquezas mudaram de envolucro mas as almas foram reencontradas. Gastaram-se para isso tres quartos de um seculo: a alma de uma marqueza é coisa voluvel; o vento que a carrega guarda-a e leva tempo para devolvel-a á terra.

De certo, nesse intervallo, o prazer viveu outras horas; por volta de 1800 sobretudo; mas, então, os seus gestos eram bruscos e vingativos; pagava os soffrimentos que lhe haviam imposto e depois da victo-

Não é preciso nenhum esforço para fazer o elogio de uma época que não se conheceu; as saudades imaginarias são as menos penosas. São tambem as mais puras. O louvor de quem se recorda é sempre dirigido a momentos escolhidos, os seus suspiros têm uma origem confusa: antes de reanimar a imagem de uma felicidade, serviram para excitar a memoria com algumas lagrimas.

Nada altera as fantasias do pensamento; ellas contam, livremente, com os favores da perfeição, e o mais amavel dos passados é ainda o dos outros. Como o Imperio é bonito na Republica!

No tempo alegre das crinolinas

Desenhos de P. Mourgue

ria saciava-se de assaltos. Sob as crinolinas elle reina com a serenidade de um gastronomos; não tira desforras, abandona-se á sua vocação; é uma existencia feliz que nada tem para esquecer, que não se sente vigiada por nenhuma ameaça.

Examinemos nas gravuras antigas as elegantes e os dadys; respiremos atravez do desenho a atmosphera em que viviam; evoquemos a fantasia com a qual se embriagavam e confessemos se não desejariamos ter vivido entre elles. Gravuras! Muitas vezes o gosto por uma época só nos vem dellas. Tragica ou risonha, a historia é bella quando dorme. E é na gravura que ella está adormecida.

A época das crinolinas repousa sob a imagem da alegria, está imobilisada no prazer; um perfume de indolencia a rodeia. Parece ignorar tudo que não seja diversão, luxo, bôa mesa, baile, espectaculo; sonha com dias de prazer e noites de loucura. Gramont-Caderousse e a condessa de Castiglione velam á sua cabeceira e, dormindo, ella vê que se animam as palavras que os dois murmuram: "Dansa... Ceia... Tilbûry... Opereta..."

Sem duvida, essa é apenas uma face da historia, o outro lado é mais sombrio. O tempo das crinolinas — como todos os tempos! — não foi sómente de prazer. A' margem elaboravam-se dramas e preparavam-se desgraças. Mas, para que ir tão longe? Que nos satisfaça o que temos diante dos olhos. As gravuras tambem têm margem e a margem é branca...

A gente de 1830 era tão supersticiosa quanto a gente de hoje. Tambem, ha cem annos, se tiravam as cartas. Aqui está um baralho daquelle tempo. Um baralho do tempo das tempestades na alma. Agóra as tempestades são nos cópos de agua. E os romanticos de 1930 o que querem é gozar.

No Jockey Club

O calor não é bom para as carreiras. Os cavallos não se importam muito. Mas os apostadores preferem Petropolis e outros logares mais tranquillos. E principalmente estes dias que não abandonaram o polo em busca de nenhuma geladeira são desagradaveis para a gente que vae ao prado para vêr e para ser vista. A que ia para ser vista não vae porque a que ia para vêr tambem não vae. Resultado: vasante. Agóra, durante os mezes de verão o melhor é recordar. Com um ventilador, de pyjama. Recordar é um jogo melancolico, um esporte meio triste. Mas recordar alegrias que passaram pelos nossos olhos e abriram sorrisos na nossa bocca refresca mais do que todos os sorvetes. A praia não consola tanto. Faltam os vestidos. Um vestido bonito ás vezes dá mais prazer do que a dona. Na praia, maillot, a dona tem mais responsabilidade. Precisa ser o que o vestido era. O Jockey Club foi em 1929 o grande salão carioca. Salão ao ar livre, illuminado de sol, com espelhos de agua e biombos de montanhas. Que lindas festas que houve lá! Aquella do presidente norte-americano. Aquella das misses. E todas que hoje são aquellas. As senhoras e as meninas apresentadas pelos ultimos figurinos. Os homens á bessa desde os que pareciam inglezes de cóstas até os que eram brasileiros mesmo de frente. O doutor Mello Vianna andava de lá para cá. O doutor Ataulpho de Paiva fitava a raia scismarento. Chegava do Leblon o vento do mar. Do Jardim Botanico sahia para recebel-o o cheiro bom das arvores. Era uma festa no ar. O cambio estava firme. O café estava alto. O Embaixador Britannico tinha o binoculo na bolsa. O Embaixador Americano contava anecdotas.

Pá de cal

Homem moderno

A que ponto chegou o homem de agora,
O homem seculo XX, o homem paciente
Que fica em casa num calor ardente
Ao mesmo passo que a mulher namora.

Cuida da creançada irreverente.
Se este grita e blasphema, aquelle chora.
E um pequenino que infallivelmente
Tem ataques de fome, de hora em hora.

Elle cuida de tudo e tudo ageita
Com uma dedicação fóra do sério,
Emquanto a mãe do bando, satisfeita,

Cruza as ruas sem rumo no seu carro
E acaba o dia no Cinema Imperio
Piscando os olhos ao Ramon Novarro.

Pom-Pom, o cachorrinho de Madame

Madame tem um cachorrinho horrendo,
Magro, exquisito de causar pavor:
Vive por entre almofadões, tremendo
De frio, mesmo quando faz calor.

Madame dá-lhe todo o seu amor,
Um amor afinal que eu não comprehendo
Mas o marido de Madame... horror!
Mal o avista, o cãozinho sae correndo...

Hontem Madame se zangou commigo,
Disse-me que eu não era seu amigo,
Jogou-me phrases que inda sei de cór,

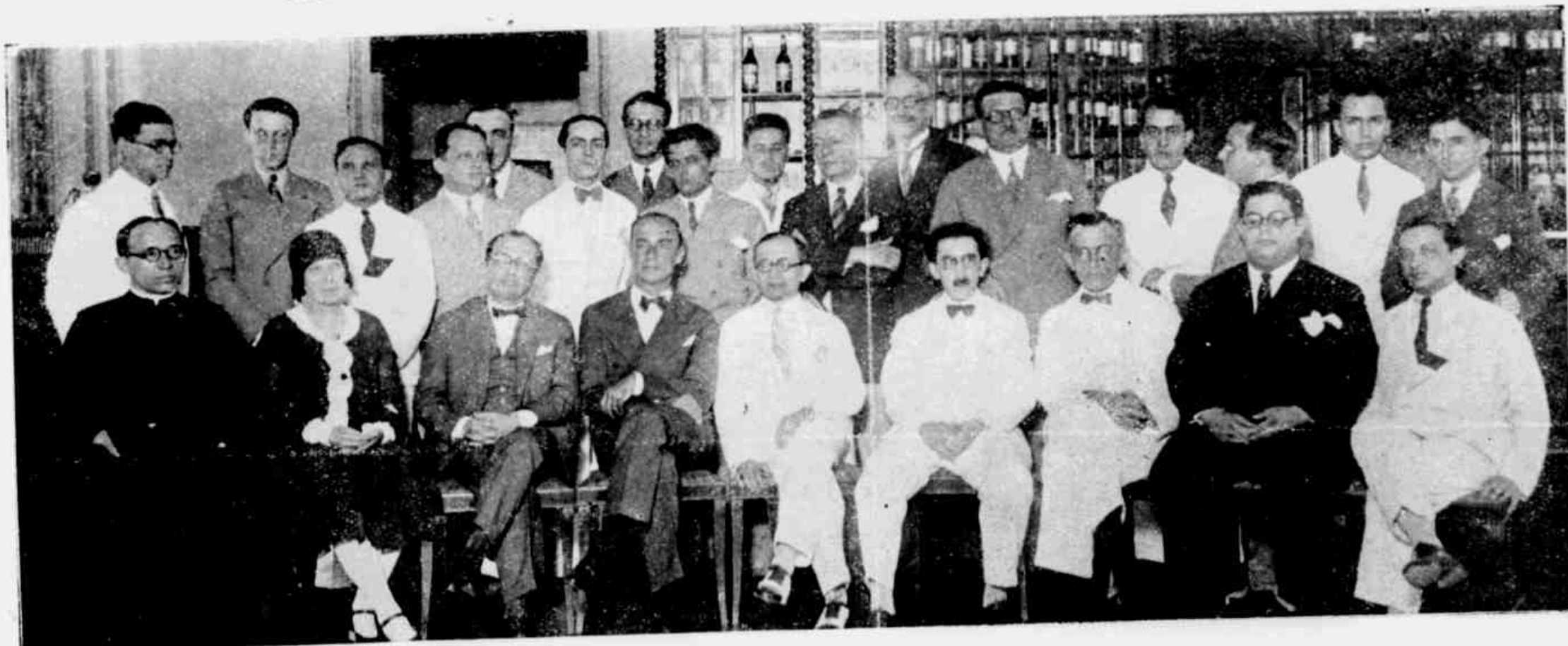
Porque indagando alguem sem mais aquella
Qual era a marca do cachorro della
Eu respondi summariamente: — é Ford.

João da Avenida

No Hippodromo de Santa Beatriz, em Lima, Republica do Perú, a senhora Vasco Leitão da Cunha e o Secretario da Legação Brasileira dirigem-se para as tribunas com outros diplomatas e suas senhoras.

Instantaneos da recepção que o senhor Embaixadxor da Italia offereceu á Colonia Belga e á Colonia Italiana a bordo do transatlantico "Julio Cesar" para festejar o casamento do Principe Humberto de Saboia com a Princeza Maria José, da Belgica

■

Amigos de Hamilton Nogueira reuniram-se em torno delle num almoço de alegria pela sua nomeação para Professor Livre Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

Zaira Cavalcanti, que Nosso Senhor mandou lá do Norte para o Rio.

O Prefeito Prado Junior attendendo ás observações de um empresario vetou, na lei do orçamento municipal, uma disposição que demonstra a falta de senso com que se legisla no Brasil e a eterna má vontade dos legisladores para com o theatro. Mandava a tal disposição que se augmentassem os impostos theatraes em 30 °|° ás companhias de qualquer genero, cujos repertorios não fossem constituidos com, pelo menos, um terço de originaes brasileiros. O intuito apparente dessa exigencia era proteger os autores nacionaes. Na pratica, porém, equivaleria, pura e simplesmente, á majoração de impostos, já excessivamente pesados, afastando, de vez, do Rio de Janeiro, as companhias estrangeiras, que a teimosia e a audacia visionaria de um unico empresario traz todos os annos até nós.

Se tivessemos, no Conselho, legisladores capazes, amando as cousas do Brasil, produziria excellentes resultados aquella disposição, tomada pelo avêsso, não com o caracter odiento da coacção, beneficiadora do erario, já favorecido sobejamente por taxas que se não justificam e emperram o desenvolvimento da industria das diversões e particularmente do theatro, no Rio. Deviam os intendentes ter decidido que toda e qualquer companhia cujo repertorio apresentasse a proporção de um original brasileiro para dois estrangeiros, gosaria, immediatamente, do abatimento de 30 °|° dos impostos que paga. Isso sim, seria uma maneira efficiente e sincera de proteger e fomentar o theatro nacional. Devia o Conselho ir, mesmo, mais além, isentar de impostos as companhias que formassem o seu repertorio antepondo a um original estrangeiro um brasileiro.

E' inutil, porém, esperar providencias dessa natureza do poder publico do Brasil. Por isso continuamos a não ter theatro e a mais bella cidade do mundo, se torna cada vez mais, a mais insipida, tambem, do mundo, no que concerne a diversões. Devia a autoridade auxiliar, até pecuniariamente, todas as iniciativas sérias em materia de theatro e faz, exactamente, o contrario, difficulta, escorcha, persegue, até que o desanimo colha o abnegado que a taes esforços se abalança.

O resultado ahi está patente. Cresce a cidade sob qualquer aspecto que se a encara, menos no que diz respeito a theatro, que está desapparecendo e desapparecerá de todo se a politica até aqui seguida não fôr alterada.

Alliviar? Não! Gravar

MARIO NUNES

Um dos numeros de grande exito da revista "Rio Montmartre", que foi o espectaculo de estréa de Cock-tail Nights no Theatro Casino. Cantam nesse numero o fox Dôr de recordar, de Joubert de Carvalho, com versos de Olegario Marianno.

Uma Scena de Salomé

No palacio de Heródes. Antecamara do Rei. Mapples, electrola, uma foto de Man Ray espetada na parede.

O PAGEM. — Quem é aquella flôr de marfim que se destaca no vermelho da tarde? Que peixão!

UM SOLDADO. — Olha para o sol! Olha para o sol! O sol parece um boi redondo despedindo uma baba dourada sobre o mundo.

O PAGEM. — Os pés da Princeza são como agulhas de coral encontradas no fundo do oceano. Suas mãos são como taças de opala onde pousassem passarinhos de ambar. São como lyrios de prata e de espuma.

O SOLDADO. — Eu amo o sol. O sol é o espelho onde se miram as imagens da terra. O sol é como um gladio de ouro constellado de rubis de Samayan. E' como o manto de purpura do rei Heródes.

O PAGEM. — Os pés da Princeza são pavões brancos de renda e de setim. Seus olhos são beryllos maravilhosos que ás vezes parecem topazios. Oh! como a Princeza é elegante! Ella veste-se no geantatou. A Princeza é como um rainunculo branco... Parece um rainunculo branco. A Princeza gosta da lua.

O SOLDADO. — Não gosto da lua. A lua está completamente fóra de moda. O Capitão me garantiu ha dias. A lua parece uma velha gorda passeando numa galera azul constellada de pedrarias.

O PAGEM. — Eu gosto da lua. A lua é como uma adhalia branca que se reflectisse numa espada de vidro. E' como uma mulher que escondesse o corpo atraz de uma tapeçaria.

SALOMÉ apparece, bocejando, em "maillot". — Pagem, você está enganado. Não gosto da lua. A lua é chata. A lua é pau como uma reunião politica, um enterro ou uma exposição de arte retrospectiva.

A VOZ DO PROPHETA. — Quem é essa mulher que se adianta como uma estatua de borracha? As estrellas cairão do céu como laranjas podres, o céu será negro como um sacco de cilicio, a lua despregar-se-á do céu como um queijo inutil, por causa da mulher que se adianta, vestida com uma tunica de sangue e de calumnia!

SALOMÉ. — Quem fala assim? Parece o poeta Victor Hugo.

O SOLDADO. — E' um propheta terrivel, Princeza. E' o propheta João Baptista de Assumpção. Está na geladeira, mas o Tetrarcha tem medo de mandar liquidal-o.

SALOMÉ. — O propheta é... um velho?

O PAGEM. — Não, Princeza. O propheta é lindissimo. Seu corpo é como uma estatua de espuma terminada por pombas de marfim. E' como um pedestral de opala onde pousasse uma bola de ebano. Suas mãos são como leques de prata e as veias são de um azul mysterioso e raro como o azul dos mares inviolados. Seu peito é como um escudo de bronze que resiste a todos os golpes. Sua bocca é como uma maçã cortada por um punhal de Tyro. Elle tem olhares á Ramon Novarro... Seu pescoço é como a base de uma montanha onde acampassem guerreiros. Elle traz sempre um lyrio verde nas mãos feitas cuidadosamente na manicura do palacio.

SALOMÉ. — Esta descripção permitte que você entre para uma Academia de Letras. Você promette, menino. Talvez que D'Annunzio o admire.

O PAGEM. — Gentilezas de sua parte...

O SOLDADO. — O Tetrarcha tem medo de mandar matar o propheta. O propheta não é sopa não.

O PAGEM. — O Tetrarcha tem medo dos olhos do Propheta. Seus olhos são como rosas negras pousadas num cofre de marfim. São como espelhos negros numa sala de jaspe. Sua voz é ora branca e suave como a voz de citharas invisiveis, ora ardente e vermelha como o sangue, a volupia, a raiva e a voz dos guerreiros vermelhos nas batalhas vermelhas. Prefiro ficar na minha camara silenciosa, reclinado em coxins de pennas de ibis, lendo Maurice Rostand, ouvindo a voz monocordia de um repuxo dolente, ou entornando sobre o meu corpo oleo de anemonas e essencias de opoponax e cinamomo que os mercadores de Damasco me vendem.

O SOLDADO. — Não gosto dos discursos do pagem. Acho-os pouco naturaes, pouco fluentes. O pagem não é sincero. Gosto mais dos discursos inflammados do propheta. O propheta é mais grandioso, mais varonil. Parece um soldado.

SALOMÉ. — Quero ver o propheta, meninos.

O SOLDADO. — Impossivel, Princeza. Ninguem poderá grelar o Propheta, si não trouxer o annel do Tetrarcha.

SALOMÉ. — Não seja trouxa. Deixe-me vêr o Propheta que amanhã darei uma volta na barata com você. Olha, toma um sorriso!

O PAGEM. — Os sorrisos da Princeza são como flechas de ouro...

SALOMÉ. — Meus sorrisos não se parecem com flechas de ouro. Parecem-se com meus sorrisos simplesmente.

A VOZ DO PROPHETA. — A taça das abominações está cheia até ás bordas. A mulher infame profanou a casa do Senhor e encheu a taça das abominações.

O PAGEM. — Princeza, cave para ver o Propheta! O corpo do Propheta é como uma flauta de ouro que attrahe passaros perversos. E' como uma rêde que aprisionasse uma tarde parada.

Seus cabellos são como florestas cheias de dragões negros e de elephantes negros. Seus olhos são abysmos cheios de pedrarias glancas. São espheras onde se perde a luz de crepusculos extremos. São como anneis de jáde trabalhados por anões que têm olhos dentro do corpo. São como pavões negros que abrissem uma c a u d a de marfim. Suas mãos são como princezas loucas abandonadas numa torre de incenso. São como boccas vermelhas que se abrem para as festas do sangue. Salomé desmaia. Confusão. Tumulto. "O soldado, aos gritos". — A Assistencia! A Assistencia! (O resto, o omnibus passou por cima).

PEGANDO A BOLA
E
PEGANDO A CAÇA

MURILLO MONTEIRO MENDES

A Corografia dos indios Pernambucanos

Mario Melo

Mario Melo e Raphael Xavier, rodeiados de carnijós. Ao fundo a senhorita Maria Luiza Jacobina, desvelada professora dos carnijós.

Grupo de carnijós, vendo-se á direita o pagé chefe.

Uma familia carnijó

Grupo de creanças carnijós

Avósinha carnijó entre filha e netos

Sarapé, legitimo fulnió leader de aldeia carnijó

Typo de belleza carnijó

Existe ainda, no municipio de Aguas Belas — rincão sertanejo de Pernambuco — uma tribu aborigene, que se conserva pura, que fala o seu dialecto — o iatê, de que colhi mais de trezentos vocabulos — que mantém a sua forma de governo, que professa a religião primitiva dos seus antepassados.

Visitei-a no anno findo, para melhor defender os seus direitos contra usurpações de civilizados, defeza que iniciara no Congresso de geographia do Espirito Santo e teve por epilogo decisiva victoria em laudo de arbitragem proferido pelo governador Estacio Coimbra. Essa tribu é conhecida como "carnijó", mas elles se dizem "fulnió", em sua lingua. São cerca de setecentos individuos que se approximam da civilização, que já falam o portuguez, mas resistem ainda na tradição de suas praticas.

Inspirei-lhes confiança e pude observal-os durante alguns dias, estudando-lhes os habitos colligindo-lhes o vocabulario.

* * *

Uma das tradições que os carnijós ou fulniós conservam dos seus antepassados é o tolê, a dansa religiosa do culto jurupari.

Vi-os, por tres vezes, dansar o tolê. (1)

As pessoas destinadas a dansa — nem todos a sabem e os mestiços são impedidos de aprendel-a — preparam-se numa palhoça. Os homens em trajes communs — outr'ora da tanga e braceletes de pennas e cocares — e as mulheres com os vestidos melhores de côres vivas e barretinas de papel escarlate, uns e outros sempre descalços.

A' frente, braço esquerdo sobre hombro direito e braço direito sobre hombro esquerdo, os dois principaes musicistas e unicos homens que participam da dansa e della são os marcadores, ou, para dar idéa numa expressão inappropriada ao caso, os mestres-salas. Sustentam na mão livre uma especie de tuba de um metro ou mais de comprimento, a que chamam iakitxá. De diametros differentes, a mais grossa no diapasão do contrabaixo, serve para o marcação nos primeiros tempos do compasso, emquanto a outra, adequada á tessitura de baritono, faz o papel de trombone no acompanhamento, em notas minimas, sempre as mesmas, que os instrumentos não permittem mais que uma.

A seguir, dois outros homens com maracás, isto é, dois cabaços com sementes de mulungú, os quaes são agitados aos primeiros tempos dos compassos em sincronismo com o iakitxá que dá a nota da marcação. Esses maracás são sagrados, passam de geração á geração e vivem sob a guarda de dois carnijós legitimos, eleitos no ouricuri (2). Não ha preço para compral-os e nenhum profano pode tocal-os.

Por fim as mulheres. A estas compete o canto, que os maracás e os iakitxás acompanham. A musica é monotona, sem palavras, numa expressão dolente e quasi invariavel.

Marcham a dois de fundo até o terreiro previamente escolhido. Em chegando ao ponto, formam semi-circulo. A circumferencia é fechada pelos assistentes.

Começa, então, a dansa. Os musicistas dos iakitxás abandonam o ponto em que se achavam collocados e vem para o centro, sempre abraçados, em piruêtas e sapateados que invejariam peritos dansarinos de solo-inglez. Movimentam-se como um só corpo de quatro pernas, fazem mesuras com os iakitxás numa especie de cumprimento á assistencia, saltam, rodopiam e, por fim, baixam a tuba, cada um ao pé da mulher que escolhe. As duas cetiçonkias (3) abandonam o logar que guardavam e, emquanto os dansarinos voltam para o centro do circulo, nos seus passos exoticos, ora baixando ora levantando os instrumentos, as dansarinas rodopiam em torno dos iakitxás, em passos miudinhos, numa proficiencia que dá idéa de estarem deslizando sem, por qualquer circumstancia, afastarem a vista dos iakitxás, que parece atrahirem-nas como iman ao metal. Semelham mariposas em torno dum fóco de luz. E, emquanto dansam, as outras citiçonkias cantam o canto monotono e dolente, os maracás caracaxam como cauda de crotalo e as tubas preenchem a esquisita harmonia.

Ao fim de alguns minutos os tocadores de iakitxás vão fazendo recuar as dansarinas até o ponto em que as foram buscar, renovam as mesuras com as tubas, saracoteiam, atráem mais duas ceticonkias, fazem nas repetir os passos das primeiras e assim até terminar a parte, quando todas as cabóclas, aos pares, tenham dansado.

Cada parte do tolê assenta na fauna brasilica: ora é o passo da asa-branca (ave columniforme), ora o passo do urubú, ora o peixe no curral. Por onde se vê que o fox-trot não é novidade...

Quiz registrar na pauta algumas melodias do tolê, após as dansas, quando colhia vocabulos do iatê, mas os carnijós que vira na dansa recusaram cantal-a com a allegação de que não a sabiam. Recorri a um dos mestres do iakitxá e este fez-me comprehender que o tolê era do culto externo do jurupari. Não podia ser ensinado senão no ouricuri e aos carnijós do puro sangue, por constituir tradição da tribu.

(1) — Os carnijós pronunciam *tolê*, ao passo que os não pertencentes a aldeia dizem *toré*.

Toré, segundo afirma Jorge Hurley, era instrumento dos tupinambás.

No "Canto do Potiguara" de Lourival Açucena existe a seguinte quadra com referencia ao caso:

"O pagé canta a bravura
Do alto Murubixaba
Mas eu só canto em toré
O amor de Porangaba".

(2) — Ouricuri, aliás os carnijós pronunciam claramente aricuri, é o local em que se reunem para as suas praticas religiosas, para a eleição dos seus chefes e para as deliberações de importancia. A reunião é sob um juazeiro. Sómente os indios puro-sangue della participam, com exclusão absoluta das mulheres. Impossivel arrancar da bocca dum carnijó, mesmo menino, qualquer revelação sobre o que se passa no ouricuri.

Ouricuri é ao mesmo tempo altar e espada, isto é, religião e governo. Todos os cabóclos de Aguas-Bellas são tementes a Deus— Edjodualhá — com a idéa, porém, do que foi Jesus Christo quem criou o mundo, quem lhes deu a vida e que antes della nada existia.

Convenci-me de que a conservação dos carnijós como raça reside nas praticas do ouricuri e na linguagem do iatê. Não desapparece o sentimento de nacionalidade emquanto se fala idioma proprio e quando são cultivadas as tradições dos antepassados.

(3) — Cetiçónkia-Cabócla. Interessantes algumas modalidades da lingua, de que darei exemplo com a palavra acima: cetiçá-selvagem, animal não domesticado; ceti, casa; cetiçô, cabóclo, selvicola; cetiçónkia, cabócla; cetiçóti (cetiçô-ceti-cetiçóti) casa de cabóclo; cetiçóticotçá, porta de casa de cabóclo. A lingua não evoluia. Não ha palavra para exprimir janella, porque casa de cabóclo tem apenas uma abertura.

Tambem traduzem casa como iati e chamam á cidade de Aguas Bellas iatilhá. O sufixo lhá exprime grandeza, elevação, dignidade.

JOÃO PALMEIRA ESCREVEU E ALVARUS ILLUSTROU

E' a hora esverdeada do crepusculo amazonico.

Crepita a selvatiqueza ambiente.

A floresta, espessa e impenetravel, abriga, na ampla coberta verde, a multidão dos habitantes.

O recesso da matta é uma agitação.

O rugido da onça é o trocano da selva.

O silvo da serpente tem sibilo de flecha.

Nas frondes verdes-negras, numa poema dolente, rompem os passaros.

Revolvendo folhas sêcas matraqueja o urú.

Dir-se-ia que o macaco, no trapesio dos ramos, ingerira ipadú.

Roendo o tronco, o quatité dá espirros como se tomára paricá.

A toada das guaribas marca o angelus da tarde.

Sobre a planura verde flautejam anacás.

Na forquilha do apuiseiro, num sortilegio vegetal, bróta a tocandira.

Com o morrinhar da tarde, a mudês noturna se insinúa. O kiriri. A modorra verde da flóra.

No tronco carcomido arqueja o sapo boi.

Emmoldurado nos paredões giganteos de verdura, como enorme bacia de crystal bem no fundo de uma gruta, cobre-se de sombra o mysterioso Lago da Lua...

Numa perspectiva melancolica, sem tonalidades nem brisas macias, parecia um lago sarú...

Não o perturba a inquietude barulhosa das correntes liquidas.

Todo o lago é um remanso..

Phosphorescendo na coróa verde da floresta, na quietude diáphana das aguas, a lua véste de branco a natureza.

Brando vento agita o scenario selvagem.

Scintillam leques de buritys..

Flutúa no ar, em acres volatizações, o cheiro vegetal da ambiencia virgem.

Nas clareiras de heveas floridas, ébrios de emoção, se inclinam os corações verdes da aninga...

Yacy, casta e branca como uma noiva, passeia sobre os nenúphares.

Como a igaçaba fermentada, no rythmo monotono do seu canto, cobre-se de espumas a gia.

Num agglomerado de inaiás, em candida revoada, um bando de garças se agasalha.

Cortando a grande medalha aquosa, como o diamante a superficie polida do vidro, descem os navios verdoengos das yaras...

Verdes os cabellos, soltos e fluctuantes, têm o fascinio tenebroso do mysterio.

A lua, nesse momento, accende florescencias no enorme disco das aguas.

Boiando, na ansia espiralada da coróla, a Victoria-régia desabrocha.

Voltado o calice alvi-roseo á serenidade azul, sorve as caricias mornas do luar.

Banhada de prata, a ingaseira projecta ramos vigorosos numa orla esmeraldica do lago mysterioso.

Subito, agitando o dorso, entre a ramagem, rapido como o salto prateado da curimã, lança-se na agua um indio.

Gritam, assustados, socós e carões.

Semelhante á inubia belligera, estridulam siricórias.

E, antes que se desfaça a convulsão das aguas, ei-lo que emerge, trazendo ás mãos lucilantes esmeraldas.

E' a pedra jade.

O amulêto barbaro.

A loucura de Fernão Dias Paes Leme..

O CHA'

DESENHOS DE PIERRE BRISSAUD

A HORA do chá — será um titulo verdadeiro para as 5 horas, quando tantas pessoas "nada tomam entre as refeições" e outras se abstêm de frequentar essas reuniões, nas quaes o calix de porto acompanha sempre os assumptos frivolos e futeis, ou as palestras de uma gravidade sem importancia?

Eu preferiria tratar aqui de qualquer clara h o r a matinal, em que um raio de sol restabelece os corações enfermos, ou daquella "formidavel conjuncção da meia noite de Chateaubriand, que os que se recolhem tarde, sentem passar, no silencio, sobre o mundo adormecido, meditando na antiga phrase: "Zeus, elle proprio, considerava a noite com respeito".

Mas, uma vez que a hora que me coube na encantadora loteria do tempo foi a dos crepusculos dourados, ou das densas trevas do inverno, falarei della sinceramente, com sympathia.

A's 5 horas eu tomo uma chicara de chá, de uma maneira particluar.

Mal desperta da divina sesta, que nos rouba ao destino, que separa do nosso ser fatigado as duas calamidades do mundo: a felicidade e a infelicidade, percebo que me trazem, com um leve ruido de metal e porcellana, um bule e uma chicara.

Bebo rapidamente, sem mesmo sentir o gosto, a bebida que faz de novo a luz no meu espirito e que é para a alma como o canto do gallo.

Então, recomeço a pensar. E' uma sensação agradavel?

Creio bem que, no primeiro momento, lastimo a minha resurreição e, muitas vezes, recordo este alexandrino de não sei qual poeta:

"Car nul ne dort si bien qu'il n'ait plus [a mourir.

Depois, no verão, olho o céo fascinante e sonho, que é o verdadeiro modo de trabalhar dos poetas; no inverno, escrevo, transporto para o papel os céos de verão que me enebriaram e me fizeram reflectir.

Todos os dias, tambem, a porta se abre e um ou dois dos meus amigos vêm se sentar junto de mim. Instante tranquillo e consolador, em que os seguem juntos o mesmo caminho ao longo da vida, trocam idéas (em que a discordancia de opinião não impede que estejam unidos profundamente), com a certeza mutua de uma affeição perfeita.

Agora, que lhes confiei como passo a minha hora do c h á, vou procurar reconstituil-a tal como se offerece a um grande numero de viventes.

Ella entristece os animaes. Silencio, suspeita, abstinencia! Nenhum chá para os passaros, para aquelles bicos mudos.

Nada para os cães, para os gatos, para toda a ménagerie terrestre, que, não tendo convidados nem illuminação electrica, fica intrigada c o m a sombra hostil e enche o mundo de uma confidencia cochichada d o r o r i d a - mente, que se levanta da tromba do elephante ás asas das abelhas...

Mas, pensemos nos seres humanos e m a i s particularmente nas mulheres.

Abatidas pelas horas dolentes da digestão, "duas ás cinco" terrivel" — estação morta do dia, — ellas acolhem com prazer as cinco pancadas do relogio, que annunciam a entrada da vida no alegre reino da noite.

Hora encantadora e de um futuro insondavel: as mulheres se dispõem a agradar!

Tanto quanto o famoso pó de arroz, a côr pallida do dia, esfuma os rostos e dá aos olhos a confiança que communica uma activa resplandescencia á bellza.

Estão preparadas, vão agradar. A quem? Por que? Não lhes perguntemos nada.

Com imperiosa humildade, ellas representam, instinctivamente, o seu papel na terra e precedem de innumeros e inuteis ensaios o mysterioso dia do secreto espectaculo, de verdadeira t r a g e d i a, em que amam e serão amadas.

Desde então, como é a hora do chá? Primeiro, em casa das amigas q u e realizam reunião hebdomadaria, procuram revêr a creatura que se tornou querida.

Por um habil calculo, encontram a pessôa desejada no angulo calmo do salão, junto da mesa de chá, (emfim, o chá representa algum interesse!) concordam com todas as suas opiniões, estão de accordo com todos os seus gostos e, por uma contradicção que não as assusta, imaginam provar que o novo amigo lhes é indifferente; examinam com um ar triumphante o successo que fazem entre os convivas e o dominio que exercem sobre a victima.

Mas a imprudencia é m a i s grave e mais reveladora, quando fingem q u e não o conhecem bem, quando o cumprimentam apenas, distrahidas, quando evitam de lhe falar, ellas, que disperdiçaram tanta graça, tanta força, tanta paciencia, para conquistal-o!

— Não tenhamos duvidas, desde o momento em que os dois mostrarem que se afastam um do outro, que se evitam quasi; quando os olhares se tornarem sérios e se desviarem, a attenção toda voltada para os minimos objectos e para os minimos assumptos, é que um pacto doloroso e sagrado uniu o par amoroso e, portanto, inhabil e ingenuo.

— Esses cumplices, encantadores, gostam de se mostrar indifferentes deante dos amigos, dos quaes elles acreditam enganar a perspicacia, quando as imagens da mais profunda e familiar ternura occupam os seus espiritos e os conservam mergulhados numa atmosphera divina, que a hora do chá não perturba, como não perturbaria, nas ultimas noticias de um jornal, o annuncio do proximo fim do mundo; a não ser que esse acontecimento os separe durante os poucos dias que o destino ainda concede á terra!

— Hora d ochá, que seria de ti, sem a preparação do a m o r e a sua realização! Como todas as horas, feres, esperando a ultima para matar.

Mas o t e u ferimento é desses que valem a vida. Assim, abençoemos a flexa invisivel que se mistura ás folhas verdes ou pretas, ás brancas e finas f l o r e s colhidas na i m m e n s a China, á hora d e l i c a d a do c r e p u s c u l o . . .

CONDESSA DE NOAILLES

Na "piscina" do Arpoador

A belleza exhuberante das praias da Cil

CIL: Copacabana, Ipanema, Leme...

O sol ainda bem não nasceu do regaço da noite, a luz tem ainda pallores de luar, e já a cidade estremunhada e gottejante de suor consulta o thermometro, a ver se a columna de mercurio attingiu os 40° á sombra... Ainda não. Faltam ainda alguns gráos, mas a temperatura é já insupportavel.

Os ricos ociosos emprehenderam o seu exodo annual para Petropolis, Therezopolis, Friburgo. Outros para mais longe, para os climas benignos da Europa mediterranea. Ficaram aqui apenas os que nem para as Paineiras puderam subir... e os que desejaram sentir a sensação, para elles até agora inedita, da canicula carioca. Depois de uma jornada de infernal torreira, em actividades morosas que quasi paralysam a vida da cidade; depois de uma noite maldormida sob um céo de chumbo escaldado ao fogo do sol que foi incendiar

No Leme

No Arpoador

Posto 6

outras terras, as multidões derivam para as praias de banho. Destas, a areia dourada e morna, reverberante pelo ouro pulveroso de Eros, toma desde cedo uma animação cosmopolita e pittoresca.

No providencial oasis das praias de fóra da bahia, irmanam-se os habitantes de todos os bairros, mesmo os mais distantes, na attracção refrigerante e alegre do mar.

Mulheres, creanças, homens — todas as idades e todas as condições sociaes ali se reunem para o rito pagão das sereias modernas que amam a Neptuno.

Chegam os primeiros, armam a sua barraca, o seu guarda-sol e se estiram na areia. Logo após chegam outros e fazem o mesmo.

Quasi já não se usam roupões. Um ou outro que se vê é porque é bonito mesmo. Seria uma pena deixal-os em casa, sem as homenagens da admiração publica...

Minutos depois, cada rua transversal á praia é um rio humano que chega á sua foz, como caudatario do mar...

Decuplicam-se os guarda-sóes, multiplicam-se as barracas. A praia agora, limitada de um lado pela avenida circular com os seus palacetes e "bungalows" e, do outro, pelas montanhas e a linha inapprehensivel do horizonte marinho, é um immenso amphitheatro repleto de espectadores ansiosos de gozo e de emoções.

Posto 4

Posto 6

O mar não tem a tragicidade e o frenesi do inverno, quando o frio o torna terrivel e rugidor. E' um mar velho-leão de circo, que urra uma cantilena terna e amorosa, como um colosso enamorado que vê chegar caravanas de bellas amantes...

Terso e cavalheiresco mar de verão!... Seu acolhimento de cada encantadora banhista em "maillot", que sobre elle se atira, tem enternecimentos paternaes e carinhos de um D. Juan que já conhece todos os segredos do corpo como da alma dessas palpitantes sereias de ambar tostado... E' o mar galante que tem estremecimentos de voluptuosidade e que trauteia melodias discretas de noivo, recebendo em seu leito balouçante e franjado de espumas, as Venus modernas e fortes, de carnes suaves, amorenadas pelo sol...

E' o mar poeta de delicadezas subtilissimas, que rima Belleza e Juventude, completando a harmonia da Natureza num dos mais bellos espectaculos da vida...

E' o mar hospitaleiro e generoso, que acolhe áquelles que não pódem viver sem viver com todos, e aos que buscam na praia tonico para o corpo e um retiro de serenidade espiritual...

ODILON JUCA'

(Na proxima semana: Urca e Flamengo).

Posto 5

O MELHOR REMEDIO

COPACABANA

o mais longe na praia do poador

Posto 6

Posto 4

Posto 5

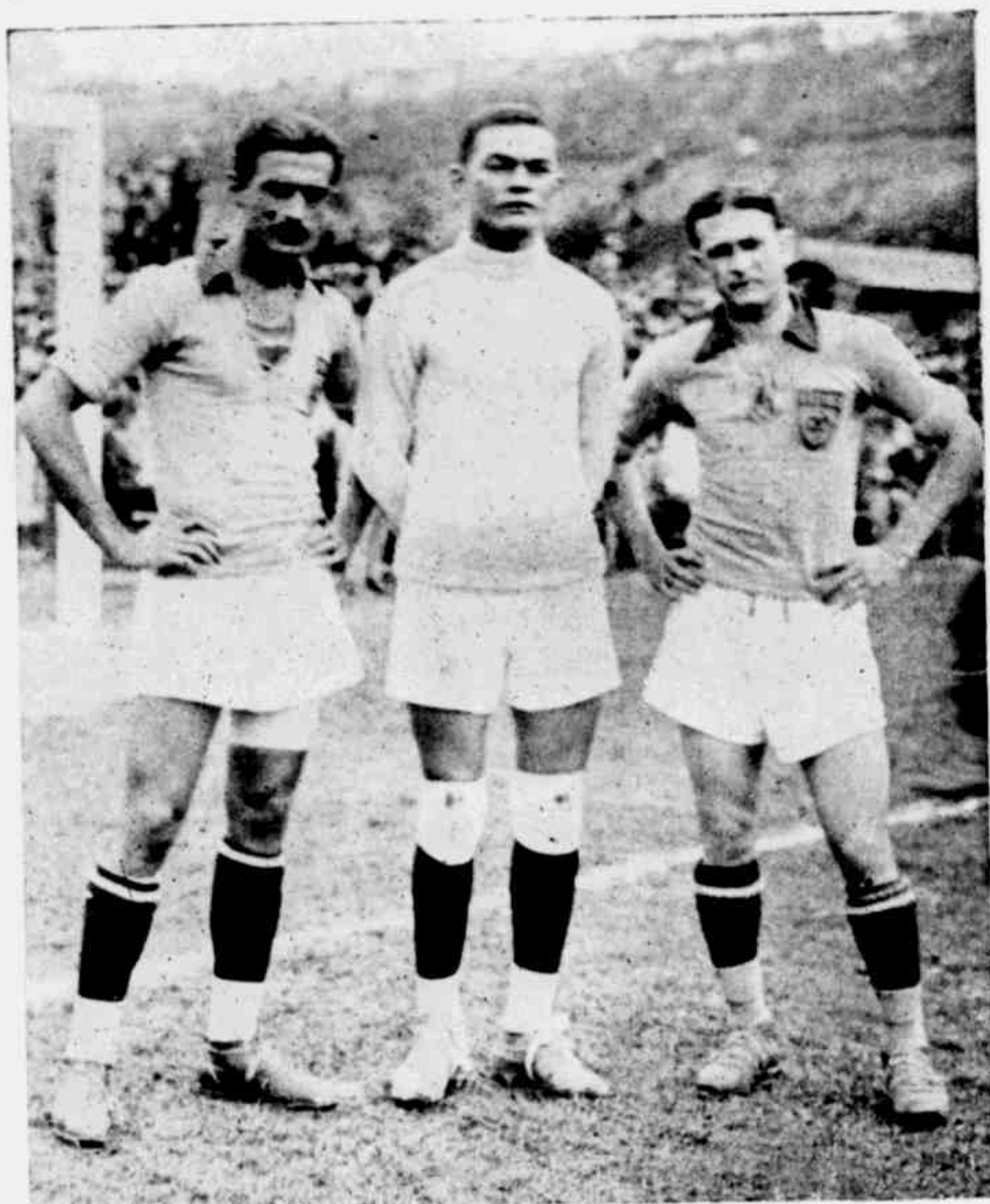
Barraca do Praia Club

Seleccionado Paulista que venceu o Carioca no quarto jogo por 4 a 2.

Athié; Grané e Del Debbio; Pepe, Amilcar e Serafini; Ministrinho, Heitor, Gambinha, Feitiço e De Maria.

Acabou-se o que era doce...

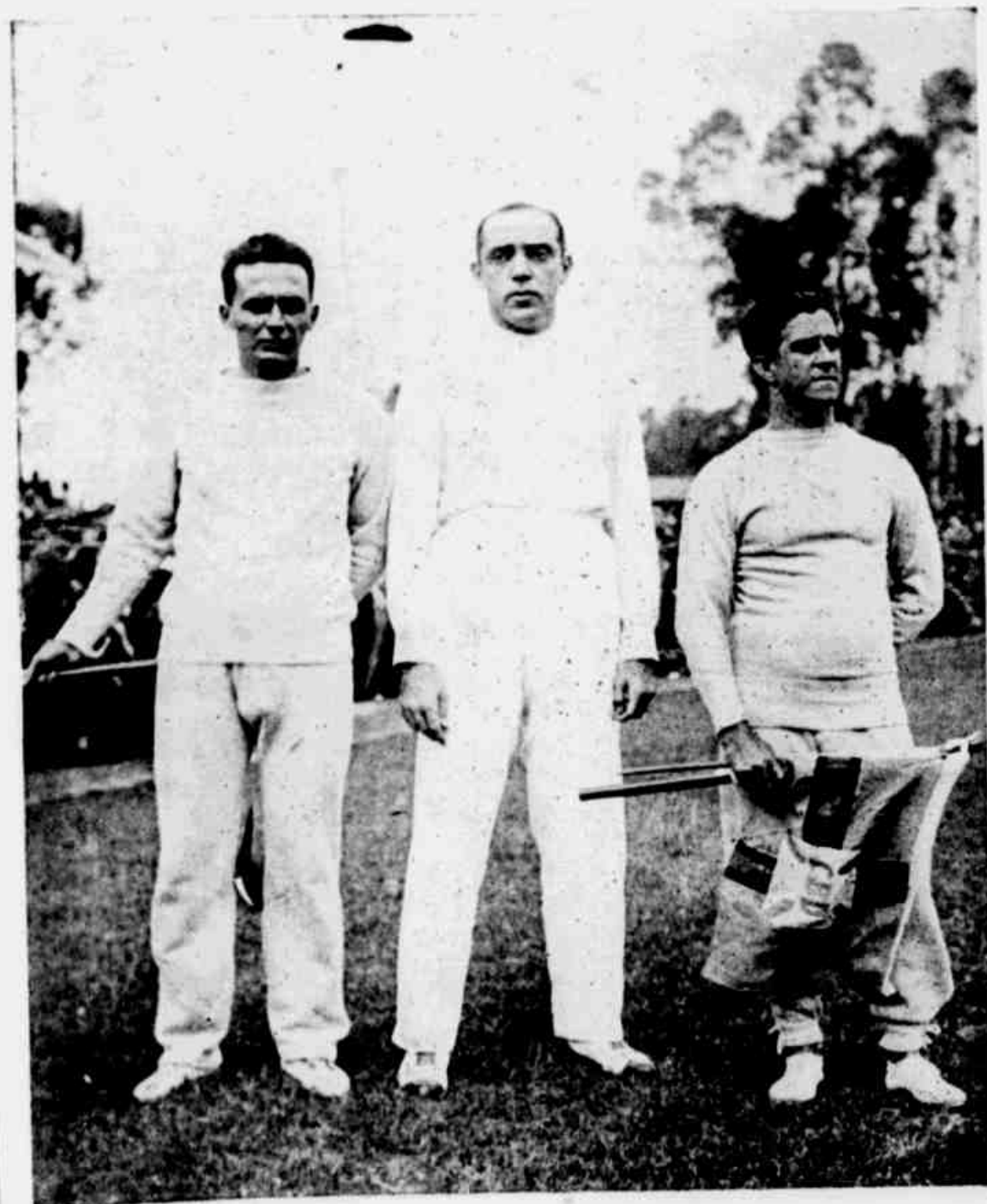
Uma defesa de Jaguaré

O triangulo da Amea

Os onze do Rio que perderam com honra para os seus irmãos de São Paulo.

Jaguaré; Sylvio e Italia; Tinoco, Fausto e Fortes; Paschoal, Dóca, Moacyr, Nilo e Theophilo.

E o Campeonato Brasileiro tambem...

O juiz e os bandeiras

Uma defesa de Athié

A Fox fez ha tempos uma publicidade esperta, promettendo vastas vantagens a meninas e rapazes brasileiros que concorressem á eleição de representantes do nosso paiz na sua fabrica de fitas. Muitas e muitos acreditaram. E quando Lia Torá e Olympio Guilherme foram escolhidos, o Rio, São Paulo e todos os Estados bateram palmas. Ora, as vantagens da Fox eram vantagens para ella. Depois da reclame conseguida aqui, os directores da companhia nem pensaram mais em Lia Torá e Olympio Guilherme. O Brasil que batera palmas devia bater outra coisa nas costas da Fox. Não bateu. A Fox continuou a exhibir as suas producções no Rio, em São Paulo e em todos os Estados. Entretanto, o procedimento da empresa que léva para os bancos americanos o pobre dinheiro da gente foi o que se póde desejar de perfeito em matéria de desafôro, não com os dois artistas tapeados, mas com o povo do qual elles sahiram. Parece que o Ministro do Exterior podia perguntar que historia é essa. E si a Fox não responder direito, vamos deixar de intimidades. O diabo que a carregue!

Olympio Guilherme numa scena do film "Fome" que elle mesmo conseguiu fazer sem ajuda de nenhuma empresa. Photographia que elle offereceu á senhora Mathilde Schnoor com uma dedicatoria em que mostra a sua desillusão do cinema. Em baixo: senhorita Marjorie Mason, da Colonia Ingleza de Copacabana.

MUSICA

RUTH ARAUJO,
a brilhante revelação pianistica dos ultimos dias de 1929, *de cujo formoso talento muito tem a esperar a Arte brasileira.*

LUIZA SAMPAIO DE LACERDA
Cantora, Primeiro Premio, Medalha de Ouro, no concurso final do Instituto de Musica.

O FIM do anno musical reservou-nos, atravez dos concursos a premio, do Instituto Nacional de Musica, um bom numero de boas surpresas, com a revelação de alguns talentos artisticos de primeira ordem. Entre esses,, queremos destacar o nome de Luiza Sampaio de Lacerda, que acaba de conquistar o Primeiro Premio, Medalha de Ouro. Luiza Lacerda possue uma voz agradabilissima, rica de timbre, quente, maleavel e insinuante, qualidades que, só raramente se encontram assim reunidas na mesma pessôa. Além disso, dispõe a joven cantora de um temperamento forte que bem lhe caracterisa a individualidade artistica sensivel á Musica, que é a expressão sonóra da Belleza.

Para completar, Luiza Lacerda é uma formosa intelligencia amiga do estudo, de modo que, aprofundando-se, cada vez mais, nos segredos de sua arte e procurando aperfeiçoar-se sempre na technica vocal, não tardará muito e terá conquistado no nosso meio o logar de destaque que lhe está fatalmente rezervado entre as nossas cantoras.

Assim o queira ella e será amanhã, uma victoriosa.

* * *

Com a mssma affluencia de candidatos e com o mesmo interesse por parte do publico, realizaram-se os Concursos aos premios de contrabaixo, flauta, clarinete, canto, violino e piano, do Instituto Nacional de Musica.

Para julgar os tres primeiros instrumentos foi constituida a mesa pelos senhores Alfredo Fertin de Vasconcellos, Francisco Braga, Agostinho de Gouvêa, Alvibar Nelson de Vasconcellos, Lourenço Fernandes, Arnaud Gouvêa e Rodolpho Pfefferkorn, sendo concurrentes os Srs. Antonio Pedro Mião, Antonelli Martins, Enéas Marques Porto, Aprigio Ladisláu de Carvalho e Catulino Darino dos Santos.

A mesa examinadora do concurso de cantins, Enéas Marques Porto, Aprigio Ladisláu de Vasconcellos, como Presidente, Arthur Imbassahy, Marietta Bezerra, Henriquetta Guerra Mandim, João Rocha, Véra Vasconcellos e Elisa Agostini Braga. O programma constou das peças que se seguem: Gluck: Ephigenie en Tauvide, recitativo e aria; Weber-Freischutz, aria "Ah! che non gringe il sonno!"; Ambroise Thomas, Hamlet, Scena e aria de Ophelia; Leo Delibes, Fantazia, O' divin meusonge!; Massenet, Herodiade, Aria de Herodiade; Ravel, Le paon, Histoire naturelle; Massenet, Herodiade, Vision fugitive; Saint-Saens, Samson et Dalila, Amour, viens aider ma faiblesse; Execução, de cór, de uma peça em francez ou italiano, á escolha do concorrente; Execução de cór de uma ou mais peças em portuguez, á escolha da Concurrente.

O resultado desse concurso foi o seguinte: Adelita Teixeira de Mello, 2° Premio; Armando Silva Araujo, 3° Premio; Eneida Silva, 2° Premio; Gilda Abreu, 1° Premio, Liberata Navarro, 3° Premio; Luiza Sampaio de Lacerda, 1° Premio; Maria Augusta Joppert, 3° Premio; Ondina Villas Bôas, 2° Premio; Orlando Ferreira, 2° Premio; Ruth Valladares Corrêa, 2° Premioo; Yolanda França, 1° Premio.

O pianista Mario de Azevedo Souza, que acaba de conquistar a Medalha de Ouro, no Concurso de piano do Instituto de Musica.

O concurso de violino teve como examinadores o Sr. Fertin de Vasconcellos, Francisco Braga, Humberto Milano, Roméo Ghipsmann, Arnaud Gouvêa, Arthur Strutt e Marco Granchi, constando do programma a Sonata em ré menor de Francoueur-Moffat e a execução, de cór, de uma ou mais peças a escolha do candidato e de um dos "Divertimentos" de Campagnoli ou de um numero das seis sonatas para violino só, de J. S. Bach, escolhidos pelo jury, dentre quatro apresentadas pelo concurrente.

Os quatro candidatos que compareceram, Affonso Henrique Carlos Garcia, Enaura Barroso de Mello, Maria Magdala da Gama Oliveira e Vicente de Oliveira Tropia, obtiveram a Medalha de Ouro.

Os concursos de piano, como sempre, os mais disputados, foram julgadas por uma mesa composta do Srs. Fertin de Vasconcellos, Itiberê da Cunha, Arnaud Gouvêa, Kytta de Bellido Gusmão, Wanda Telles Ferreira, Maria Amelia Martins e Heloisa Acioli Meira.

Do programma, constaram: a) — Schummann - Novelletes n. 2 e n. 5; b) — Execução, de cór de um Preludio e Fuga do "Clarecin bien tempéré", de Bach, escolhido pela mesa, entre quatro apresentadas pelo concurrente; c) — Execução de cór de uma ou mais peças á escolha do concurrente.

Damos, a seguir, o resultado desses concursos: Aloysio Randolpho Paiva; 1° Premio; Antonio da Silva, 2° Premio; Egydio de Castro e Silva, 1° Premio; Manoel Fràga, 3° Premio; Mario Azeredo Souza, 1° Premio; Argia Punaro Barata, 1° Premio; Anna Carolina de Souza e Silva, 1° Premio; Hilda Calheiros, 1° Premio; Honorina Ferreira da Silva, 1° Premio; Maria Apparecida França, 1° Premio; Francisca de Araujo, 2° Premio; Maria Guilhermina Alves, 1° Premio; Maria Nazareth Pinheiro de Vasconcellos, 1° Premio; Maria Pinto Galvão, 1° Premio; Yvonne Pereira da Silva, 1° Premio; Thysbe Thimoteo de Azevedo, 2° Premio; Carmen de Rossi, 1° Premio; Maria Helena Magalhães, 1° Premio; Raymunda Sphigenia Ramos, 2° Premio, e Ruth Stamile Gonçalves, 1° Premio.

Apezar do calor, o Centro Artistico Musical realizou o seu concerto de Dezembro, com o qual commemorou o seu sexto anniversario. O programma foi confiado á senhora Iza de Queiroz Santos, professora de piano do Instituto; Asdrubal Lima, professor de Canto do Conservatorio de Bello Horizonte e Messodi Baruel, violinista, que é actualmente uma das de mais evidencia em nosso meio musical.

T. G.

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS DE BRASIL GERSON

Um dia — isso foi ha dois annos — eu resolvi escrever uma peça, que recebeu no baptismo do cartaz o nome de "Maldito tango".

Jayme Costa foi o meu collaborador.

Em S. Paulo gostaram muito.

Foram 28 dias de theatro cheio, no Bôa Vista.

Um successo...

— Parece um sonho! — me disse um critico.

— Um sonho, por que?

— Porque a peça é bonita e é differente das outras...

Coisas do theatro nacional: no theatro nacional as peças que fazem successo têm que ser escriptas... O successo do "Maldito tango" me animou. Escrevi depois uma outra, por nome "Felicidade", mais bonita ainda que o "Maldito tango".

Esteve com Leopoldo Fróes, Procopio, Oduvaldo, Jayme Costa, Roulien, mas não foi representada.

— E' fina demais... — disseram todos elles.

Cousas do theatro nacional... Pois, agora, "Felicidade" vem para aqui.

"Para todos..." vae publical-a. Desculpem o meu acanhamento.

Eu não esperava que, depois da sua triste perigrinação pelos theatros nacionaes, onde sempre foi mal vista, "Felicidade" encontrasse um dia o reino dos céos...

ACTO PRIMEIRO

(Scenario simples, modernissimo. Escriptorio commercial. Duas mesas. A do patrão e a da dactylographa. Telephone. De manhã cedo).

SCENA I

ISABEL

(D. Isabel entra e deixa o chapéo e a capa no cabide. Senta-se deante da machina. Põe papel, depois tira da bolsa o pó de arroz e faz a toilette com um espelho pequeno. Sente os passos do patrão. Esconde tudo. Trabalha).

SCENA II

PATRÃO E ISABEL

Patrão. — Bom dia.

D. Isabel. — Bom dia, commendador.

Patrão. — Nenhum recado para mim?

D. Isabel. — Para o senhor ir até á fabrica, assim que chegar. Vão experimentar a machina nova.

Patrão. — Chame primeiramente o Evaristo e o Tobias. (D. Isabel sahe. O patrão tira a carteira do bolso e deixa sobre a mesa dois bilhetes de loteria).

SCENA III

PATRÃO, EVARISTO, TOBIAS, D. ISABEL

(Elles entram e saudam o patrão).

Patrão. — Approximem-se. Tenho uma surpresa para vocês. (Ficam todos de pé perto da mesa do patrão). Já se foi o tempo, meus amigos, em que os operarios e os empregados de escriptorio eram simples escravos dos patrões. Os tempos mudaram. As classes proletarias fizeram conquistas. E hoje o empregado é um collaborador do patrão. Vocês têm o exemplo aqui commigo. Eu enriqueci, é verdade, mas vocês não morreram de fome.

Evaristo. — O commendador tem sido para nós um amigo dedicado...

Patrão. — Muito obrigado. O Natal vem ahi. E eu me lembrei de vocês. Aqui estão dois bilhetes inteiros da loteria de Hespanha. Um é meu. Outro é de vocês. (Pega nos bilhetes) Querem este? ou este outro?

Evaristo. — O commendador não acha melhor tirar a sorte?

Patrão. — Como vocês quizerem...

D. Isabel. — Eu fecho os olhos e pego num bilhete.

Patrão. — (Segurando um bilhete em cada mão, e estendendo-os para a frente) Eu faço assim... Feche os olhos, D. Isabel...

D. Isabel. — Já fechei. (Tira um bilhete) Este. (Vê o numero) 10.328!

Tobias. — Um bom palpite!

Evaristo. — E o seu, commendador?

Patrão. — 8.257.

Evaristo. — Tambem é muito bom.

Patrão. — Estão contentes?

Os tres. — Muito!

Patrão. — (Pondo o chapéo) Então até logo.

Os tres. — Até logo!

SCENA IV

EVARISTO, TOBIAS, D. ISABEL

D. Isabel. — E agora?

Evaristo. — Vamos ficar todos ricos!

Tobias. — O bilhete é inteiro?

D. Isabel. — Inteirissimo!

Tobias. — Varios milhões de pesetas!...

Evaristo. — Quanto para cada um?

Tobias. — 5.000 contos...

Evaristo. — Sahe! Vae sahir!

Tobias. — E' dinheiro demais...

D. Isabel. — Você é muito pessimista...

Evaristo. — Dando azar...

Tobias. — Você é homem para falar de azar aos outros? O sujeito mais pesado do mundo...

D. Isabel. — Nem tanto assim...

Tobias. — Olha só para elle... cincoenta annos... o bigodinho mal aparado... Paletó de algodão... Guarda chuva... bonde 39... pendurado no estribo... bebedor de Guaraná Espumante... Você já amou, Evaristo?

Evaristo. — Uma vez.

Tobias. — A creada da casa?...

Evaristo. — A patrôa...

D. Isabel. — E' bom o amor, Evaristo?

Evaristo.—Não sei... ella não me ligava...

Tobias. — A vida inteira de um homem... 12 horas no escriptorio, tirando facturas... 12 horas num quarto vazio... Você precisa reagir, Evaristo. Você não viveu! Peça o auxilio do Voronoff...

Evaristo. — Mas, agora, isto vae mudar... Vocês vão vêr como eu serei feliz com os 5.000 contos... Vou viver! Vou ser um Homem!

NAMORADOS DE PICASSO

Tobias. — E se a sorte não sahir para nós?

D. Isabel. — Não diga isso...

Evaristo. — Tem que sahir! Deus é muito justo. Elle não permitte que uma pessôa morra sem ter um momento de felicidade. A minha felicidade são esses 5.000 contos. Vou fazer coisas extraordinarias. Vou ter photographias no "Times", vocês vão vêr. "Evaristo Casanova, o homem que arrebentou a banca de Monte Carlo"! (Com melancolia) Vocês acham graça porque, aos 50 annos eu não conheci ainda a vida. A culpa não é minha. E' do destino. Do seminario vim para o escriptorio. A vida tem sido isto para mim. O escriptorio... Estes livros grandes... Algarismos... Partilhas dobradas... E o meu quarto vazio...

Tobias. — Quem sabe se isto não se chama felicidade, Evaristo?

Evaristo. — Garanto a vocês que nunca essa palavra me preoccupou. Nunca me passou pela idéa ser mais do que fui e mais do que sou... 5.000 contos! Tudo será melhor com os 5.000 contos? Eu não terei saudade do meu quarto cheio de silencio, das partidas dobradas?

D. Isabel. — Com 5.000 contos, seu Evaristo? Tenha paciencia!

Evaristo. — E' verdade, preciso ser outro homem! Quero que os outros digam quando eu passar — "Aquelle é um homem feliz..." Hei de ser o inspirador de grandes paixões. Hei de conquistar as mais celebres bailarinas hespanholas authenticas. Bailarinas hespanholas! Eu queria ser bailarina hespanhola. Dansaria dansas sensuaes de Sevilha, em cima da careca dos millionarios! Agora é que eu sei o que é felicidade! E' quebrar a banca de Monte Carlo! é conquistar a maior bailarina hespanhola do mundo!

Tobias. — Eu sou mais calmo. A minha felicidade não está nesses 5.000 contos.

Evaristo. — No que é que está?

Tobias. — Em vencer pela intelligencia, pela honestidade. Hei de ser um grande industrial á custa do meu esforço, da minha intelligencia.

D. Isabel. — Então você não pretende amar?

Tobias. — Uma creatura loura, muito pura, de olhos azues. Assim como aquella Margarida, que empolgou o coração do doutor Fausto. Essa é a minha felicidade. E a sua, dona Isabel?

D. Isabel. — Eu não penso na felicidade. Ella não existe para mim.

Tobias. — Por que?

D. Isabel. — Porque só existirá quando alguem me disser: "Os teus olhos, Isabel, e os teus labios frescos, são a minha tentação!" Coisa impossivel...

Evaristo. — (Rindo) E se eu lhe disser?

D. Isabel. — Bem se vê que você não tem espelho em casa...

SCENA V

OS MESMOS E BERNARDO

Bernardo. — (Um trabalhador de uns 50 annos) Dão licença?

D. Isabel. — Entre, Bernardo.

Bernardo. — Bom dia.

Os tres. — Bom dia.

Bernardo. — O patrão não está?

D. Isabel. — Foi para a fabrica.

Bernardo. — Ora...

Tobias. — (a Evaristo) Elle não póde entrar?

Evaristo. — No que?

D. Isabel. — Na loteria.

Evaristo. — Se for pouca cousa...

Bernardo. — E' commigo, seu Evaristo?

Evaristo. — Nós ganhamos do patrão um bilhete inteiro da loteria de Hespanha. Se dér, você terá uma parte.

Tobias. — Vinte contos de cada um...

D. Isabel. — Sessenta contos...

Bernardo. — Minha Nossa Senhora!

Evaristo. — Acha muito?

Bernardo. — E' demais para mim. Que é que eu vou fazer com tanto dinheiro?

Evaristo. — Vae dar conforto á sua familia...

Bernardo. — Ella está tão bem assim... Eu tenho a mulher e dois filhos. A filha está casada. Os dois filhos trabalham. Eu ganho 300$000. Pago 120 de casa. O que sobra dá para o resto. Para que mais dinheiro? Estou de accordo com a minha mulher: a gente só é feliz quando se contenta com o que Deus dá.

Tobias. — Mas com os 60 contos você poderá comprar uma casinha, e com o que sobrar passará a velhice descansado...

Bernardo. — E' verdade... Um chalézinho, lá no Tucuruvy...

Tobias. — Com uma cama de mola, muito macia...

Bernardo. — Uma poltrona para fumar um cigarro de palha depois do jantar...

D. Isabel. — Um jardim na frente...

Bernardo. — Uma criação de gallinhas...

Evaristo. — Um gramophone...

Bernardo. — Com uma porção de discos do Guarany...

Tobias. — Um Ford, para passeiar...

Bernardo. — Um Ford, não. Um Chevrolet... E' mais distincto.

Evaristo. — Uma assignatura do "Malho".

Bernardo. — Um apparelho de radio...

D. Isabel. — E uns vestidos melhores para sua mulher...

Bernardo. — E' mesmo... como vae ser bom! E eu sempre pensei que não me faltava nada... Falta tudo, seu Evaristo... (Com emoção) E o bilhete sahirá premiado? Tem que sahir. Eu tenho que comprar o chalésinho do Tucuruvy...

(A voz de uma cabeça que apparece na porta). — O patrão!

(Debandada geral. Fica só D. Isabel, fingindo que trabalha).

SCENA VI

O PATRÃO E DONA ISABEL

Patrão. — Por que foi que elles fugiram?

D. Isabel. — Estavam falando sobre o bilhete.

Patrão. — Estão muito contentes?

D. Isabel. — Seu Evaristo garante que vae tirar a sorte. Nós tambem demos uma parte ao Bernardo.

Patrão. — Confiem em Deus, que a sorte ha de sahir. Não é coisa impossivel. Tem algumas cartas para assignar?

D. Isabel. — (Dando uma cartas) Só tem estas. As outras são muito compridas.

Patrão. — (Assigna as cartas. O telephone toca) Allô! Quem quer falar commigo? (E com voz de uma doçura infinita) Ah... E' você?... (A dactylographa olha com certo espanto, e continúa a olhar, quando elle disse coisas muito doces.) Dormiu bem?... Eu dormi sonhando com você... a noite inteira. Contar o meu sonho? para que? Imagine uma porção de coisas bonitas, que nós poderiamos ter feito, e o que você imaginar é o meu sonho... Coisas poeticas? Um pouco... Eu sou commerciante, mas, de vez em quando, tambem choro as magoas nas debeis cordas da lyra... Agora estou chorando... O teu amor é tão difficil... Você parece que não gosta de mim... Os nossos olhos viram-se hontem pela primeira vez? E o que tem isso? A funcção dos olhos no amor é uma funcção de passaporte... Os olhos dizem que querem, e os corações se unem... Mas o coração não gosta de esperar muito tempo... Antigamente é que o amor era demorado. Hoje é rapido... Você não sabe que o romantismo anda de automovel e installou em casa um apparelho de radio? (Começa a sentir-se feliz. Põe as pernas sobre a mesa.) Você nunca me viu dizer tanta coisa bonita? Foi influencia dos seus olhos... Quando eu amo peço uma alma emprestada a um poeta... (Apparece Evaristo com um livro de escripturação) Não diga que eu não preciso ser poeta... Tenho outros valores? Sou um "homme a femme"? (Olha com pose para Evaristo, que está escandalizado) Você hoje vae ser melhor para mim? Eu só irei se você prometter... Promette? Então eu vou! Levar o que? Uma lembrança?

Evaristo. — A D. Isabel, com cautela) Coronel...

Patrão. — (Continuando) Duas! tres! Quantas você quizer! (Desliga o telephone).

Evaristo. — (Muito amavel) O patrão tambem dá-se ao amor? Deve ser uma coisa muito bonita...

Patrão. — (Numa outra attitude, que confunde Evaristo) O senhor trouxe o livro das consignações?

Evaristo. — Trouxe, sim, senhor. Está aqui.

Patrão. — Faça o favor de mostrar. (A' Isabel) Vá buscar com o senhor Tobias uma lista das mercadorias embarcadas em Santos esta semana.

D. Isabel. — (Sahindo) Sim, senhor.

Patrão. — (Noutro tom) Você viu, Evaristo?

Evaristo. — A conversa?

Patrão. — Com a pequena...

Evaristo. — O senhor está cotado...

Patrão. — Você acha?

Evaristo. — Ella lhe pediu uma lembrança... E' um bom signal.

Patrão. — Se você visse. E' um colosso! Parece que eu estou apaixonado. Eu quero um conselho para fazer tudo direitinho com ella. Você me dá?

Evaristo. — Um conselho sobre o amor? Eu sou fraco em amor, patrão.

Patrão. — Deixe de ser modesto.

Evaristo. — Não é modestia, patrão. Estou dizendo a expressão da verdade, com profundo prejuizo do meu orgulho masculino.

Patrão. — Em questão de amor, quem diz que não é porque é. Me dê um conselho... Eu não admitto que um homem chamado Casanova, não entenda de amor...

Evaristo. — OCasanova é sobrenome. O meu nome é Evaristo. O senhor não acha que é um nome feio, muito suburbano? Eu queria me chamar Aniceto. A moça mais bonita da minha rua apaixonou-se por um rapaz só porque elle se chamava Aniceto.

Patrão. — Quando a gente ama, Evaristo Casanova, precisa de conselhos, quer conselhos, anda atraz de conselhos. E acredita em todos elles. Dê-alguns...

Evaristo. — Mas eu não sou de circo...

Patrão. — E' preciso ser artista de circo para dar conselho amoroso?

Evaristo. — O circo aqui é uma figura de retorica. E' um symbolo. Ser de circo: homem que sabe as coisas... homem que sabe tapear... homem que viveu...

Patrão. — Pois eu conheço um amigo que sempre diz que é de circo. Mas é coronel...

Evaristo. — O circo tem varias categorias. Ser de circo e não ter andado no trapezio é a mesma coisa que não ser de circo. O trapezio é que é o melhor. Quem teve dez annos de trapezio está feito na vida. E' difficil. (Imita como se anda no trapezio) Lá em baixo não tem rêde. (Imitando os artistas que aparam muitas bolas com a mão) O malabarismo tambem é importante. O sujeito que teve cinco annos de circo com este jogo é um sabido. (Com tristeza) Eu nunca tive... Fui pataqueiro... No circo da Vida eu fui aquelle homem que anda pelo picadeiro com uma casaca encarnada... Como aquelle seu amigo que é Coronel. Posso até cantar como a mulher que fica a noite inteira na janella de uma rua suspeita. — "No tengo patria, no tengo amores, no tengo amigos ni religión..."

Patrão. — A's vezes, a gente se engana. Eu pensei que você fosse um homem de vida agitada. Quem vê cara não vê coração.

Evaristo. — Sou um infeliz no amor... Nunca ninguem me quiz... Tive quatro paixões infelizes... Nunca senti nos meus labios os labios de uma mulher... Nunca ninguem me disse — "Evaristo, dá-me o calor da tua bocca!" Mas tambem quem é capaz de fazer uma declaração de amor a um homem chamado Evaristo? Evaristo é um homem que anda sempre de guarda-chuva...

Mãe de Picasso

Patrão. — Deixe de ser pessimista. Atire-se! Faça como eu.

Evaristo. — O senhor tem nas suas mãos o poder do ouro... O ouro é a linha de frente do amor. A sympathia é a reserva do amor... Pergunte aos gigolôs se elles não formam os batalhões da reserva do amor...

Patrão. — Isso contribue muito. O dinheiro é o café com leite da vida. Quem não toma café com leite, pão e manteiga de manhã não póde viver direito. Mas eu tambem respeito as minhas sympathias. Já me disseram até que eu tenho uns olhos romanticos... uns olhos parados... assim... (faz uma attitude) Olhos feitos de volupia...

Evaristo. — Eu pensava que os olhos da volupia fossem aquelles que piscam muito...

Patrão. — São aquelles parados... aquelles que estão buscando uma coisa mysteriosa... Olhos como os de Wilma Banky...

Evaristo. — No seu caso, eu seria um homem gentil demais para as mulheres. E' com a gentileza que a gente consegue tudo.

Patrão. — Eu tambem acho. Mas um dia destes li numa revista que as mulheres gostam de ser maltratadas.

Evaristo. — Literatura... Não acredito... Quando a gente quer qualquer coisa trata de se tornar amavel, sympathico. Não póde haver uma excepção para as mulheres.

Patrão. — Não póde mesmo. E' natural. Uma mulher é incapaz de não querer gentilezas. Isto é da vida. E' humano.

Evaristo. — Quer um conselho de homem serio, meu patrão? Seja gentil com a sua namorada. Dê-lhe presentes muito bonitos.

Patrão. — Vou começar com um annel de brilhantes. Chame ahi Dona Isabel.

Evaristo. — (Com espanto) E' dona Isabel?!

Patrão. — Você está doido?...

Evaristo. — Logo vi. (Vae á porta) Dona Izabel!

SCENA VII

OS MESMOS E D. ISABEL

Isabel. — Está prompta a lista. (Dá-a ao patrão).

Patrão. — Vou ao despachante. (Levanta-se, põe o chapeu e diz a Evaristo, perto do seu ouvido) Ao joalheiro...

Evaristo. — Felicidades... (O patrão sáe).

SCENA VIII

EVARISTO, D. ISABEL, TOBIAS E BERNARDO

D. Isabel. — Você viu como está o o patrão? Que descaramento! Um homem dessa idade!

Evaristo. — Que temos nós com isso? O dinheiro é delle... Eu tambem hei de fazer a mesma coisa. Peor até...

D. Isabel. — Ainda ha muitas vagas no Juquery... (Tobias e Bernardo entram nessa occasião).

Tobias. — Para quem é o Juquery?

D. Isabel. — Para o Evaristo. Elle pensa que vae tirar mesmo a sorte grande.

Tobias. — E' uma esperança.

Bernardo. — Que seria de nós sem aquella phrase italiana...

D. Isabel. — Que phrase?

Bernardo. — La vita comincia domani...

Evaristo. — Desta vez eu tenho que ser feliz. Resolvi. Prompto. Acabou-se. Tiro mesmo a sorte grande.

Tobias. — E está disposto ainda a quebrar a banca de Monte Carlo?

Evaristo. — A quebrar a banca de Monte Carlo e a ser um tyranno e martyr de corações femininos...

(Continúa no proximo numero).

EXPLICAÇÕES...

por Flavio de Andrade

Illustrações de ALVARUS

Minha querida amiga.

Recebendo hontem tua carta nervosa, quasi malcreada, cheia de atrevimentos amorosos, precipitada, emfim, como todos os teus pensamentos, lastimei haver perdido esses exaltados 45 minutos, quando estarias, por certo, encantadora...

Imploro-te desde já não te atires á tentação do primeiro pensamento, julgando que faço ironia; bem sabes que raramente recorro a ella. Considero o seu emprego, quasi sempre, desastroso.

Dito isto, espero que me queiras ouvir. Conversemos direitinho, sem rancores, (se possivel) e procurando reflectir, ainda que não tenhas nenhuma disposição. Verás que te conheço um pouco; pouquinho só...

Vamos vêr:

Depois que me enviaste tua cartinha, esperaste com impaciencia a volta de Rosa, para te certificares de que eu a recebi.

Com a chegada de Rosa, procedeste ao seguinte interrogatorio: "Então, elle estava? Entregaste a elle mesmo? Que foi que elle disse? Como estava vestido? Que estava fazendo? Perguntou alguma cousa? Você não disse que eu estava chorando? Elle abriu, logo, a carta?..."

Depois que Rosa se foi, puzeste a victrola e principiaste a cantar bem alto, mais alto, quando alguem attendia ao chamado do telephone, abaixando, depois, a voz, quando verificavas que não era eu quem estava no apparelho.

Isto durou até quando te sentiste cansadinha de dar corda á victrola.

Foste, então, para o quarto e ahi procuraste, primeiro num romance, depois nas revistas, acalmar a ansiedade com que esperavas a minha resposta.

Finalmente esta carta chega ás tuas mãos.

Tentarás rasgal-a, mas a tua natural curiosidade fará com que a amarrotes, sómente, atirando-a, pensando que me odeias. Acabarás por apanhal-a, receiando já que o primeiro gesto possa ter prejudicado a sua leitura.

Uma vez aberta, lerás com soffreguidão, disposta, no entanto, a não acreditar na minha justificativa, antes, mesmo, de conhecel-a.

Até aqui a tua indignação por mim augmenta, porque és forçada a concordar conscientemente que acontece em exacto o que estou dizendo; por isso, a minha querida amiguinha, num impeto, colerica, com a face mais vermelha que o proprio "rouge", vae amarrotar, ainda uma vez, esta coitada carta, dando pulinhos freneticos, sapateando sobre ella. — Muito natural é que queiras saber do que vae adeante e, assim, sem considerar a inutilidade dos gestos antecedentes, te curvarás novamente sobre a carta como has de o fazer, depois, perante a razão...

Agora precisas recobrar (em parte) a calma, para o que, faze o que te vou dizer:

— não passeies de um lado para o outro; isto fatiga, não te deixando pensar;

— deita-te em tua cama e não torças, assim, o dedo, porque pódes magoal-o, peorando consideravelmente o teu máo humor;

— esquece-te por um instante o que aconteceu;

— convence-te de que vás ficar realmente calma, do contrario, nada entenderás do que te vou dizer mais tarde.

Se conseguires realizar o que ditei, has de ter paciencia e aguardar a minha explicação falada, ahi, perto de ti, bem junto, o mais proximo que a tua raiva momentanea permitta, afim de que possas, olhando-me nos olhos, conhecer a sinceridade da minha narrativa.

Na tua precipitação, minha querida, esqueceste tudo, até a grande amizade com que sempre cuidei de ti. Amizade verdadeira; amizade bôa; amizade differente das que andam por ahi. Differente, sim, feita só para nós dois e que sómente nós dois entendemos.

Pensa nisso e ficarás socegada, até que eu chegue, logo, á noite.

Mas não procures, **numa pequenina vingança**, aborrecer-me, esperando-me com aquelle detestavel pyjama "fraise".

Sê bôazinha...

Eu te quero tanto bem!

Carlos".

Da Outra Semana

Bailes no Club Haddock Lobo — no Grajahú Tennis Club — no Boqueirão do Passeio — Homenagem ao coronel Olegario Morado pelo 50º anniversario dos seus serviços á justiça — Festa no Grupo Escolar Affonso Penna — Na Collação de grão dos novos medicos — Almoço Baile de anniversario do E. C. A. — No Centro Gallego, recepção aos officiaes hespanhóes dos doutourandos ao Dr. Lincoln de Araujo — — Chegada do nosso collega Christovam Camargo de Lima, onde representou o Brasil no 2º Congresso de Turismo.

Senhora Roxy King Shaw, professora de canto e uma das creaturas mais queridas da sociedade carioca.

Senhorita America Passos, que acaba de concluir brilhantemente o curso de piano no Conservatorio de Musica de Pelotas.

Todos os annos a festa de encerramento das aulas do curso da senhora Roxy King Shaw reune um publico distinctissimo que envolve nos mesmos applausos a Mestre, as alumnas e os alumnos. Foi assim em 28 de Dezembro. O Theatro Casino teve então uma das mais bellas tardes de 1929. O programma executado mostrou o aproveitamento das lições da senhora Shaw, tão intelligentes, tão apuradas, e mostrou que lindas vozes o Rio possue. Frequentaram o curso durante 1929: senhoras Amanda Ribeiro Gulaus, Anna Luiza Pereira de Souza, Anninha Oliveira Laport, Arabella Brondini, Brancolina Valladão Lopes Gonçalez, Carmen Vianna do Castello, Edméa Guedes, Francelina Soares Meira, Germana Mallet Jacques de Lucena, Ida Canedo Raposo, Jandyra Oliveira Botelho, Vital Brazil, Luiza Vasconcellos de Menezes, Margarida Grandmasson Rhemgantz, Scylla Machado Goulart, Yolanda Laport Machado, Campista, Wood. Senhoritas Adelaide Milton Cruz, Adelaide Silveira Mello, Cenyra Aurelina Carlotta Reisen, Dalmy Tavares, Dora Soares dos Santos, Dulce Nascimento, Dulce de Montenegro, Edmé Machado, Franzi Marcondes Portugal, Gesy Barboza, Helena Wax, Helena Ramiro Costa, Juracy Araujo Silva, Leda Machado, Lygia Mello, Laura Rey, Maroja Vasconcellos, Margarida Estrella, Musetta de Carvalho, Maria Luiza Betanno Guimarães, Melie Oliveira Botelho, Nair Corrêa de Sá e Benevides, Nair Figueiredo Neves, Odette de Montenegro, Odette Tinoco Machado, Ophelia Rodrigues Moraes, Roxy King Shaw, Sylvia Ribeiro, Sylvia Schmidt, Stella Vilmar, Violeta Coelho Netto, Yolanda Bernardi, Zita Coelho Netto e Zulmira Barros. Senhores Alpio Souto, Augusto de Sá, Caio Maranhão, Dantas Pimentel, Francisco Laport, Jayme Saint Bresson, Serzedello Corrêa, Demetrio Ribeiro Sof, Jorge Fernandes, Mario Saraiva e Rubens de Lorena.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Yvonne Muniz Bastos tóca piano, tóca violão, canta, diz versos. Hoje, de noite, no Theatro Casino, a gente vae ouvil-a e applaudil-a.

Enlaces

Em cima: Luiza Monjen de Oliveira—Luiz Ferreira Costa.

No centro, á esquerda: Nair Gomes da Costa— Walter Neves.

A' direita, no centro: Margarida Alves de Souza — Severino Nunes.

Em baixo: Lucilia Linhares — Armandio Marques Pinto, em Nictheroy.

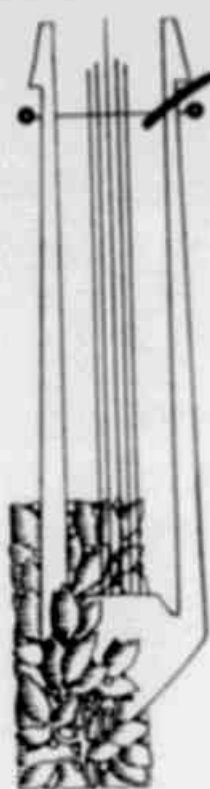
Anno Novo

Vida Nova

Senhora Aurora Amorim de Lemos, escriptora portugueza, que aproveitou a sua estadia no Rio para escrever para um dos nossos theatros a peça "Os titulares da fuzarca".

Senhora Arnaldo Voigt

Senhorita Henriqueta Lisbôa, poetisa já muito admirada pelos seus versos de estréa "Fogo Fatuo" e que acaba de publicar "Enternecimento", um encanto de livro, bonito, sincero, bom.

Aspecto parcial de uma das salas da exposição do Departamento Mixto do Instituto La-Fayette, o sympathico educandario da Praia de Botafogo (modelagem, trabalhos manuaes e desenho do jardim da infancia, cartographia e desenho do curso de admissão).

ESPHINGE

Mulher
Fina.
Esguia.
Longa.
Olhos largos.
Doirados.
Profundos como os de uma novilha.
Bocca sangrando de "rouge".
Não sabe sorrir.
Olha as creaturas.
Fita as almas.
Mira as cousas.
Não vê a essencia.
— Esphinge?
— Mulher.
Um dia falei-lhe.
Mãos frias.
Voz oppressa.
Espreitei o mysterio.
Mas a esphinge não soube responder.
Falava.
Mas não tinha idéas.
Nem sentimentos.
Nem sensibilidade.
Nem amor.
Não procurava nas cousas a essencia.
Nas creaturas a alma.
E para toda a gente ficou sendo mulher-esphinge.
Mas era mulher.
Como as outras.
Um pequenino cerebro de mecanismo simples.
Como um realejo.
A repetir a mesma cantiga.
A moer a mesma toada.
Um coração de dar horas.
Como um relogio.
A corda — a ambição.
A mascara é que enganava.
— Esphinge?
— Não. Mulher como as outras.

Marilda Palinia

QUANDO VOCÊ VAE, QUANDO A NOITE VEM...

Na hora triste,
quando tudo dorme,
quando nada, nada mais se vê,
eu tenho uma vontade immensa
de tornar a ver,
esses olhos tão meigos, de você.

Um pouco de vento,
fala segredo ás plantas,
e ouvindo o vento,
eu choro, só porque:
Eu tenho medo de nunca mais ouvir
aquella voz tão dôce de você.

E na hora triste,
quando tudo dorme,
quando estou sózinha,
eu choro, só porque:
Eu tenho medo que você não volte,
e eu não gósto de ninguem,
de mais ninguem,
só gósto de você...

Ivette Missick

LENÇO DE VERONICA

Curvei-me á beira dagua lentamente...
E a tua fronte branca e linda humedeci com as minhas mãos.

Desde essa noite, pelas noites enluaradas
Eu vou á fonte sonhar...
A lua bate de cheio nas aguas fundas, paradas...
E o teu rosto se retrata
No fundo dagua a me olhar...

Walkyria Neves Goulart

RESURREIÇÃO

Vibrante e alvoroçada eu sinto em mim agora
A vida florescer como um rosal de Abril,
Tenho nalma eclosões de sonhos côr de aurora
Pincelados na luz de um sol primaveril.

Sinto ansias de voar pelo infinito afóra
Dizendo aos quatro céos, num arroubo infantil,
Este enlevo sem par que no meu peito móra,
Este bemdito amor, venturoso e gentil,

Que a minha mocidade em cantos acalenta
E que é do meu destino altivo timoneiro.
Brilha o astro da noite, afastado o nevoeiro,

Viceja alegre a planta, acabada a tormenta.
Foi assim, sem cuidar, que ao teu lado, vencida,
Resurgi para a festa esplendida da vida.

Elsa Rosalino

DE JOELHOS SOB O SOL

LIDO DE VENEZA

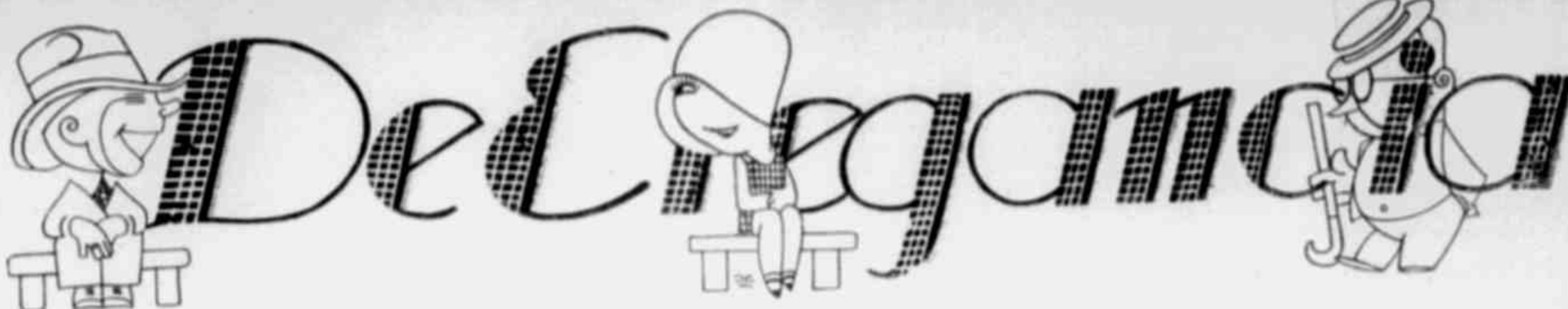
UM HIATE DE ESPORTE

GONDOLA SECULO VINTE

O banhista mais velho da praia famosa. Tem quasi noventa annos.

Dithy Tarling, do Opéra Comique de Paris, uma das fantazias premiadas no Baile das Bonecas no Excelsior Palace-Hotel.

A moda actual no Lido. Mas as mulheres preferem pyjamas..

De Elegancia

— Muito quente! E você tem coragem de vir á rua?

— Como você.

— Quer um refresco?

— Uma laranjada.

— Americana?

— Não, gelada.

— Ora essa! A que lhe offereci tambem é gelada... e tem summo.

— Tambem teve graça... Mas onde iremos?

— Refresco ao ar livre?

— Numa sorveteria, com musica, ventiladores, não seria mais agradavel?

— Vou demonstrar-lhe que se engana.

Numa das mesinhas que alguns dos nossos bars collocam á beira da calçada, sentamos. — Bello dia! principiou o meu companheiro.

— Bonito apesar do calor. Mas você tem cada exquisitice! Estariamos muitissimo melhor numa casa de chá, admirando meninas bonitas, bisbilhotando os casaes amorosos...

— Ha menos luz que aqui.

— O excesso de luz augmenta o calor. Sorriu elle, e:

— Póde ser... E' muito provavel, é quasi certo.

— Não entendo.

— A temperatura elevada impõe menor numero de roupas. Quanto mais leve mais apetecivel. Quanto menos roupa mais transparencia. Quanto maior intensidade de luz maior facilidade de apreciar o que os tecidos cobrem...

— E não encobrem.

— All right! E aqui teremos visões e visões. Corpos bonitos e feios. Todo esse espectaculo quasi de graça, por uns poucos mil réis gastos com os refrescos. Nas confeitarias você não vê disso senão quando se senta de frente para a porta da rua. Mas é difficil que se tenha lá tanta commodidade como aqui...

E' isso mesmo dizia eu depois commigo mesma. De facto. Nos dias de excessiva canicula que têm sido continuos e ainda o serão por bastante tempo, as mulheres não supportam tecidos grossos. Abusam dos transparentes. E ahi está como já se formam rodas para o espectaculo de todas as tardes.

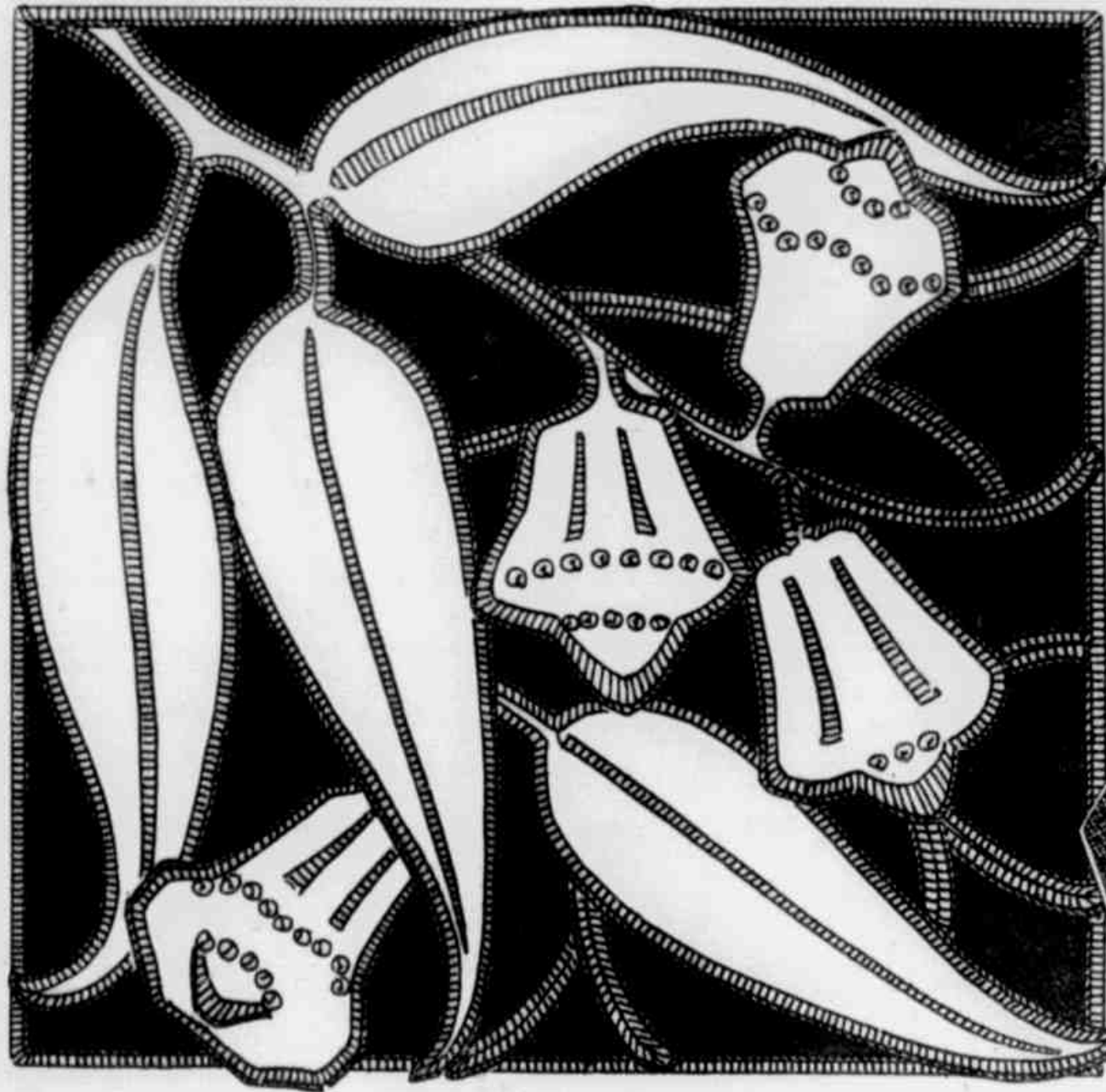
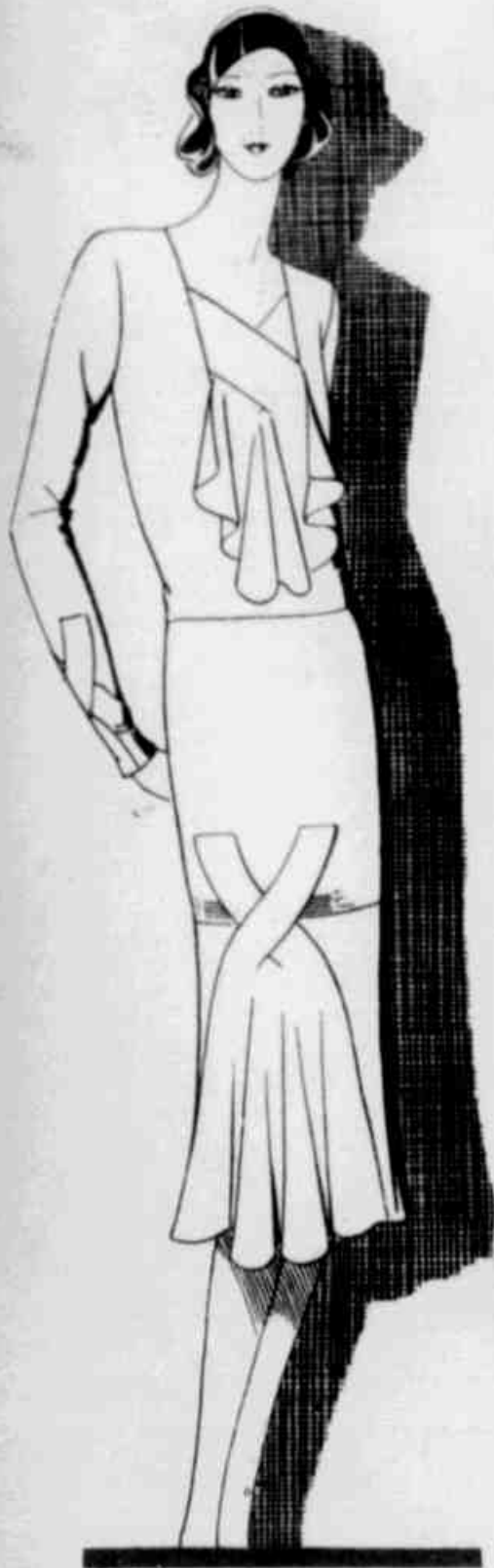
A cidade não anda deserta, apesar de muita gente ter subido ás montanhas, ás estações de aguas. O mar, Copacabana, Flamengo, Icarahy attraem ainda grande parte dos que desertam o Rio nos tres mezes de maior calor. Assim, continuam as ruas do centro animadas. E, a época dos tecidos estampados, dos coloridos vivos, dos tecidos muito leves, que, muito em breve serão guardados de uma estação para outra, para as reformas que todas, abastadas ou pobres gostam de fazer, porque os pannos não só serão fortes como de côr inalteravel — segundo nos promettem.

Com a cintura no logar e os vestidos compridos, a maioria das nossas moças ainda não conseguiu ser graciosa. E', realmente difficil que tal sorte de vestidos assente em todas. Mas se não possue uma cintura fina, um bonito contorno de quadris, não ha necessidade de marcar em demasia a linha do corpo. Uma polegada abaixo da cintura dá a linha moderna, e a blusa blusada favorece a elegancia. Os vestidos de rua, repito, não são muito compridos. Nem se comprehenderia que o fossem. Para "trotter" a moda impõe os de genero esporte, sempre graciosos e juvenis. O filó bordado, entremeiado de renda está muito em moda. Pelas vitrines das melhores casas de modas ha modelos lindissimos. Para a manhã, vestidos de cambraia de linho, de "voile", "lingerie". Os crêpes lavaveis, "georgette", musselinas estampadas para a tarde.

O "Para Todos..." de 25 começará a publicar figurinos coloridos para o Carnaval, em pagina separada desta, no intuito de fornecer ás leitoras o maior e o mais elegante numero de modelos de vestidos, aqui incluidos, e de fantasias para as festas de Mômo. Pelas primeiras gravuras avaliarão as nossas elegantes de quanto são lindos os figurinos, que, feitos em côres melhor orientarão a quem delles se aproveitar, apesar da descripção minuciosa que acompanhará cada uma das figuras.

Os figurinos: Vestidos de verão.

Secção de agulha: bordado a Richelieu em linho grosso.

SORCIÈRE

noite de santo antonio

a alvaro moreyra

hoje é noite de santo antonio
que dizem ser alcoviteiro
como todo santo elle não faz nada

muita gente pensa que se diverte
suando e dansando
na casa de uma menina que quer casar

muita gente dorme e não pensa nada

os balõesinhos enganam á gente miope
que pensa que elles são estrellas
e vae ter prejuizo sahindo
porque vae chover

eu por não ter que fazer
fui visitar 2
(1 casal)
que conheci quando não era casal
e que agora são 3

sobre a mesa de jantar
uma creança — pessimo ventriloquo —
imitava o cachorrinho
o aeroplano
e tambem uma coisinha
que eu sei fazer
— como se limpam os dentes

era o pae que pedia
eram gracinhas

e o peor é que eu tinha que rir

depois a creança chorou
a mãe disse que era somno
e levou a creança para a casa
e felizmente ella dormiu
depois a mãe voltou e discutiu com o marido

não sei por quê
mas fiquei encabulado
olhei para a cara do pae
e vi que tinha somno

(cansado de cavar o pão para aquella gente)

então me despedi
fiquei tão enjoado

que passei uma descompustura
damnada
em santo antonio
mas tão grande
que se elle me deixar casar
eu digo a todo mundo
que elle não tem vergonha

aldo de moura

A senhirinha Francina Felicio dos Santos, que acaba de concluir o curso commercial do British American School.

Aspecto da recepção que, ao regressar da Europa, teve na Bahia, por parte de seus auxiliares, o Sr. Anisio Massorva, director da Cia. Linha Auxiliar.

EVOHE'! CARNAVAL! — "Para todos..." publicará no seu proximo numero, 25 do corrente, os mais lindos e elegantes figurinos, coloridos, para o Carnaval de 1930.

PARA O NATAL E ANNO BOM

LINDOS LIVROS PARA PRESENTES

Lenda do Deserto — por Malba Tahan. Pelo seu valor altamente moral e instructivo, as obras deste autor pódem ser lidas por todos, indistinctamente creanças e adultos. Encadernação muito linda .... Rs. 6$000
Céo de Allah — por Malba Tahan. Encadernação a côr .... Rs. 6$000
Historias da Baratinha — 70 lindas historias Rs. 8$000
O Reino das Maravilhas — Contos de Fadas Rs. 8$000
Theatrinho Infantil — Comedias, monologos, cançonetas, etc. .... Rs. 5$000
Historias do Arco da Velha — Esplendida collecção das mais lindas historias e contos populares .... Rs. 10$000
A Arvore do Natal — ou o Thesouro Maravilhoso de Papae Noel .... Rs. 6$000
Contos da Carochinha — Contendo escolhida collecção de 61 contos .... Rs. 7$000
Historias da Avósinha — Obra illustrada com 131 gravuras .... Rs. 6$000
A Alma Infantil — Versos para uso das escolas, enc. .... Rs. 4$000
Theatro da Infancia — Original de B. Octavio. Peças religiosas, operetas, comedias, dialogos, apologos, monologos, etc. .... Rs. 3$000
Historias para Creanças — Contos tradicionaes portuguezes .... Rs. 3$500
Historias Infantis — O encanto das creanças, com 30 historias e quadros coloridos ..... Rs. 2$500
Physica Recreativa — Experiencias curiosas e ao alcance de todos .... Rs. 2$500
Canções da Escola e do Lar — Hymnos escolares, canções, rondas infantis, por J. B. Mello e Souza .... Rs. 14$000
Historia da Baratinha — e do João Ratão, em verso .... Rs. 1$500
Manual Encyclopedico — Approvado pelo Conselho Superior da I. Publica .... Rs. 9$000

Aventuras do Barão de Munckhausen .... 5$000
A Menina do Narizinho Arrebitado .... 5$000
A Caçada da Onça .... 5$000
O Marquez de Rabicó .... 5$000
As Trapaças do Capitão Farofia .... 4$000
O Circo de Escavallinhos .... 4$000
Os 3 Mosqueteiros de Páu .... 5$000
O Sacy .... 4$000
A Cara de Coruja .... 4$000
Aventuras do Principe .... 4$000
O Irmão de Pinocchio .... 4$000
O Noivado de Narizinho .... 4$000
O Gato Felix .... 4$000
Esta collecção é illustrada e encadernada, com capa a côres.

Bibliotheca da Juventude Christã

Luiz-Theophilo — A Vesperal do Natal .... 7$500
Genoveva — Eustachio — Ignez .... 7$500
A cruz de madeira — Maria — A ovelhinha.... 7$500

Collecções diversas

Historia de Joãozinho .... 3$500
A Batalha d'Aljubarrota .... 3$500
Ali-Babá e os 40 Ladrões .... 3$500
O Cavallo encantado .... 3$500
Aladino e a lampada maravilhosa .... 3$500
Sindbad, o Marinheiro .... 3$500

Todos os pedidos pelo Correio estão sujeitos ao augmento de mais 800 rs. e devem ser dirigidos á

CASA BRAZ LAURIA — RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone Norte 1068 — Rio

O SOL E O AR

envelhecem a pelle. O uso diario do

CREME HINDS

A rejuvenesce.

Está á venda, em todos os pontos de jornaes, o ALMANACH D'O TICO-TICO para 1930, o melhor presente para as creanças.

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA :

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias ? Pede GRATIS meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DITA". Remette 300 rs. em sellos para resposta.

Direcção : — Profa. Nila Mara
Calle Matheu, 1924
BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Os Mayas e Lindbergh

Quando se projectava o ultimo vôo de Lindbergh á America do Sul, mostrou-se a conveniencia de se aproveitar essa opportunidade para se procurar os traços da civilização que floresceu no Continente muito antes de Christo, tendo attingido o seu apogeu mais ou menos na época em que Carlos Magno se levantou na Europa contra a ameaça dos turcos.

Trata-se dos Mayas, um povo demasiadamente pequeno e cuja cultura tem sido comparada a dos gregos por alguns archeologos.

Esse povo parece ter vivido em uma area a cerca de 150 milhas de Belize, nas Honduras Britannicas, que foi objecto de investigações por parte de Lindbergh e seus companheiros de exploração.

De accôrdo com o Dr. A. V. Kidder, do Instituto Carnegie e que acompanhou Lindbergh, os Mayas conseguiram maravilhosos progressos no tocante á mathematica e á estronomia. A sua religião afigura-se-lhe ainda muito obscura, embora pareça que não tenha passado de uma serie de deificações de symbolos communs em sua época.

A' semelhança dos gregos, os Mayas parece se terem preoccupado mais com a sciencia do que com a politica de conquista, que deixaram aos aztecas do sul do Mexico. "E como fizeram os romanos na Grecia, os aztecas, possivelmente com elles entravam em luta e saquearam as suas cidades". Os Mayas construiram não só os templos, mas tambem estradas de marmore e estuques para ligar as suas cidades; inventaram um systema de escripta e com elle escreveram alguns livros em uma especie de papyrus. "Mas os hespanhóes, que viam nos livros a origem de todos os males, incendiaram as suas livrarias".

As investigações agora realizadas por Lindbergh em companhia do Dr. Kidder, permittem que se organize um mappa da região, facilitando desse modo, o accesso ás ruinas para que se possa estudar com segurança a civilização dos Mayas, determinando-se a época em que floresceu, a data das inscripções e os pontos em que os aztecas e os hespanhóes, depois de conquistal-as, atearam fogo ás suas livrarias.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

Clinica Medica de "Para todos..."

COMBATE AOS MOSQUITOS

A nocividade de varias especies de mosquitos, vehiculos de muitas doenças infecciosas, taes como o impaludismo e a febre amarella, cujos microgermens não pódem, por outros meios, contaminar o sangue humano, exige uma intensa campanha prophylactica, visando, a par do exterminio de taes insectos, a defesa das habitações, tornando-as inaccessiveis aos minusculos inimigos que, porventura, consigam evitar a destruição.

As fumigações de pyrethro, de alcatrão mineral, e de algumas outras substancias insecticidas causam, não resta duvida, bastante incommodo a quem, sob o dominio de imperiosas circumstancias, tem quotidianamente a obrigação de supportal-as.

Tal inconveniente, entretanto, poderá ser removido a contento, com o auxilio de liquidos que, utilisados em aspersão no sólo e nas paredes dos nossos aposentos, afastem os hospedes alados.

Desses liquidos, os mais apropriados são os productos obtidos com o citral, porquanto apresentam cheiro muito agradavel, o que facilita, ao extremo, o seu emprego.

O sólo, qualquer que seja o seu revestimento, — madeira, ladrilho de ceramica ou de marmore, tijolo, cimento, etc. — deverá receber, em pulverisações frequentes, a benefica actuação deste composto:

Lixivia de soda . . . 100 grs.
Citral . . . . 300 grs.

Bastará diluir 10 grammas do soluto mencionado, em dez litros d'agua fria, e ter-se-á a quantidade necessaria para fazer as pulverisações, durante vinte e quatro horas.

Si, por acaso, condições excepcionaes tornarem impraticavel a lavagem do sólo, recorrer-se-á ás pulverisações feitas sobre as paredes, janellas, venezianas, cortinas, mosquiteiros, etc. com este producto:

Oleo de cedro . . . . 20 grs.
Citral . . . . 40 grs.
Alcool camphorado . 40 grs.

Centenas de gottas, cuidadosamente disseminadas, expulsarão, bem depressa, os mosquitos alojados no interior das habitações.

CONSULTORIO

A. L. I. C. E. (Botucatú) — Deve usar: extracto de belladona 3 centigrammas, bromureto de calcio 4 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de Roux 50 grammas, xarope de flores de laranjeira 100 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, tome o "Triogene For". Faça, de tres em tres dias, uma injecção hypodermica, empregando a "Oceanine" (ampolas de 60 centimetros cubicos).

S. A. T. (Rio) — Depois de cada refeição principal, use Prosthenase Galbrun, — doze gottas, n'um calice d'agua assucarada. De dois em dois dias, no momento de se recolher ao leito, use um ovulo de ichthyol opiado. Pela manhã e a noite, use prolongados banhos mornos de assento, contendo 50 centigrammas de permamganato de potassio, para dois litros d'agua. As irritações alludidas cessarão com o emprego do glyceroleo de oxydo de zinco. Finalmente deve fazer, por semana, tres injecções intra-musculares, com a "Tonikeine".

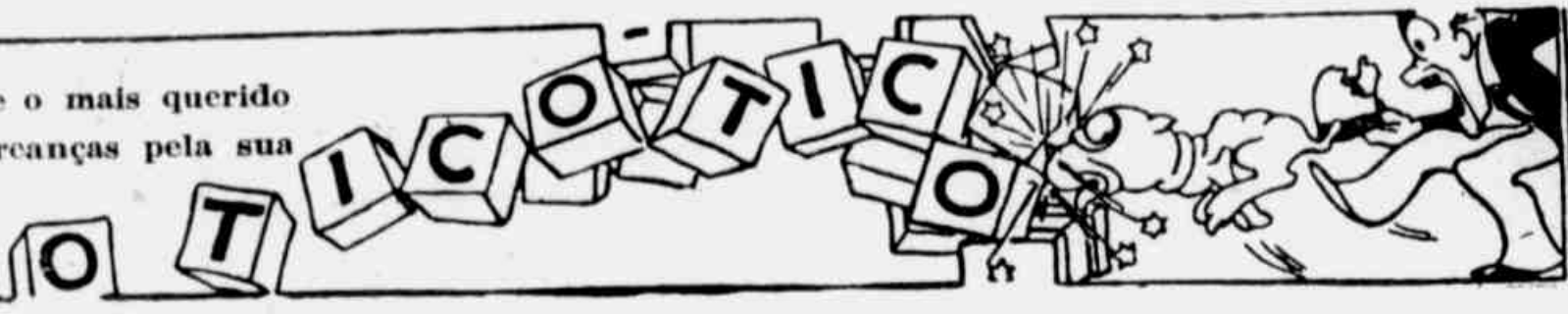
I. D. P. (Cachoeira)—Basta usar: stovaina 25 milligrammas, condurango em pó 25 centigrammas, taka diastase 25 centigrammas, sal de Vichy 25 centigrammas, pancreatina 35 centigrammas — em uma capsula, vindo 16 iguaes, para tomar uma depois de cada refeição principal. A' noite, ao deitar-se, tome uma capsula de "Opolaxyl", bebendo, em seguida, meio copo d'agua fria.

L. J. (Guaratiba) — Use: arseniato de quinina 3 milligrammas, caferana 10 centigrammas, extracto molle de quina, quantidade sufficiente para uma pilula, vindo 18 iguaes, para tomar 3 por dia. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, empregando a "Cholesteriodine".

RIBEIRO (São Paulo) — A menina deve usar: essencia de aniz 2 gottas essencia de hortelã 3 gottas, chloroformio 6 gottas, oleo essencial de chenopodio 14 gottas, oleo de ricino 25 grammas, xarope de ameixas 25 grammas — para tomar de uma só vez e pela manhã em jejum. Obtido o effeito desse remedio, a menina passará a usar, do dia seguinte em diante: arrhenal 20 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de chá) depois de cada refeição principal.

SUZETTE (Rio) — E' conveniente usar: tintura de aconito 15 gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anizado 40 gottas, benzoato de sodio 4 grammas, xarope de Roux 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — um pequeno calice de 3 em 3 horas. Antes de cada refeição principal, tome 15 gottas de "Sanas", num calice d'agua assucarada.

FLORA (Therezopolis) — Depois de cada refeição principal, use: arseniato de sodio " centigrs, metavanadiato de sodio 5 centigrs; glycero-phosphato de sodio 10grs; elixir de Garus 300 grs; — uma colher (das de sopa) — Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Hemo-Cyto Corbiére".

Dr. Durval de Brito

COMO CUIDAM DE SUA CUTIS AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretaria é uma joven attrahente e sympathica. E, para que uma mulher resulte assim, não ha mister de outra cousa para ella que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela, applicando em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, Cera Mercolized, substancia que é encontrada em qualquer pharmacia e que faz com que a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituida pela cutis nova e encantadora que toda a mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda a mulher rejuvenesce em poucos dias.

F A C E S   R O S A D A S

Para que sua face pareça naturalmente rosada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminal em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

Paginas Lidas

Andou acertadamente o Sr. Silva Lobato dando ao seu poema "Céos do Brasil" a denominação de canto de exaltação nacionalista."

Em verdade, tudo é nesse livro exaltação patriotica. A alma do poeta vibra ante tudo o que é brasileiro. E, em versos fortes e sonoros, desafogados e soberbos, celebra, como numa cerimonia de rito pagão, o fabuloso thezouro dos nossos céos e das nossas selvas, dos nossos rios e dos nossos fructos.

E depois de gritar, numa allucinação divina, as nossas grandezas surpreendentes e os nossos scenarios maravilhosos, o poeta convida a todos os poetas americanos a virem aqui beber regaladamente no mesmo copo de inspiração de que elle sorveu todo o elixir — na taça azul dos nossos céos refulgentes:

"Vinde cantores prophetas,
avantes do Mundo Novo, oh! nuncios do Pensamento,
oh! cavalleiros do Sonho, oh! semeadores da Idéa!
A Patria quer receber-nos com o mesmo alvoroço fraterno
e um longo beijo de amor... Cingindo — o Sol — nossa fronte,
o espaço ha de encher de luz, a terra ha-se abrir em flores,
sob o esplendor immortal dos lindos céos do Brasil!"

E esses versos ficam cantando em nossa alma como um turbilhão violento de sonoridade de crystaes que fallassem.

O caracteristico do tatonismo é a synthese. As inquietações mais profundas da alma humana, as suas ancias mais dolorosas, rezumem-n'as, sob aspectos de apparente serenidade, ligeiros trechos amaveis. Não raro, o symbolo focalisa um estado d'alma. Os poetas modernistas são, por isso, de uma sobriedade attica. E, por vezes, encantadores. O Sr. Helio Peixoto, no seu "Foguete de lagrimas" tem paginas deliciosas. Esta, por exemplo, tomada ao acaso:

"ANSIA

Rapido, muito rapido
O trem corre.

E tudo passa
vertiginosamente
em sentido contrario

O céo voando,
as estrellas galopando

Só meu pensamento
corre na frente do trem."

Divino esse tom de suavidade, de doçura ingenua, todo o livro do joven poeta.

No Rio Grande do Sul, mais do que em qualquer outro Estado do Brasil, existe uma literatura que se poderia chamar autochtone. Ella reflecte, no linguajar nativo, a alma gaúcha. Os habitos, os costumes, os tics da vida dos pampas, e que só dos pampas são, encontraram nos seus poetas e nos seus prosadores, traductores fieis. Interpretes da natureza ou analystas da vida, os artistas rio-grandenses do sul têm feitio proprio. Elles são elles. Com que garbo e com que orgulho traçam uma pincelada daquella paysagem ampla e dourada ou põem a nú a nobreza da alma de um peão!

O Sr. Ernani Fornari, a despeito da sua origem italiana, que o proprio nome trae, é um gaúcho authentico. Todo o seu livro, "Trem da serra", assim lindamente o revela. Poeta admiravel, original e seguro nos tons. Um quadro:

GEADA

O capim está duro, encarangado de frio,
debaixo de uma vidraça grande grande...

Os campos amanheceram cheios de cacos de vidros
(Foi o sol que quebrou a vidraça grande grande)
e a agua do moringue não póde sahir
porque tambem endureceu.

— Só quebrando a quartinha!

O sol batendo de chapa no chão,
enriquece o barro negro do caminho endurecido:
foi o céo preto da noite, com certeza, que cahiu no chão
e ficou scintillando caquinhos de estrellas.

A noite andou rolando açucar-candi
sobre os telhados da cidade colonial.

No potreiro,
andam as crianças brincando de "jantinha",
raspando com facas
o açucar crystallisado que está agarrado
nas folhas duras das capororócas...

4 abaixo de 0!

— No anno que vem as frutas não abicharão!

Caxias, vista do alto, é uma cidade de açucar..."

A geada, desconhecida da maioria dos brasileiros, é um phenomeno commum nas terras do sul. E como são transparentes e bellas as noites de geada!

Uma outra feição da poesia nacionalista, é a da imitação da gyria e das attitudes do Jéca. E o nosso Jéca, que parece tão simples, é complicado como o quê! Naquelle sujeito desengonçado, de bocca molle, olhar desconfiado, gestos preguiçosos, que fala arrastadamente, cuspinhando e se coçando a miude, ha — e quantas vezes? — o arcabouço de um heróe ou de um santo.

Quem conhece o viver do nosso sertanejo, sabe quanto de hospitaleiro encerra um casinholo de páo a pique, plantado á margem da estrada ou no meio do campo inculto. Não ha hora para dar as boas vindas ao hospede e nem ha moeda que se receba como paga da hospedagem. Que lhe respeitem o lar, e o cachimbo da boa amizade não se apagará nunca.

Em "Sertão alegre" o Sr. Fontoura Costa canta, dando a tudo côr local, costumes, trechos e gentes do nosso interior:

"UÉI-ME!...

"— Sojeito bão pr'a minti,
é o Pôrdo. Home! Cumo o tá,
francamente, inda num vi!
E' de a gente imbatucá!...

Quando elle garra falá,
diz tanta pisia, nhô Gi,
que a gente, só de escuitá,
sem queré, fica chavi.

— Uéi-me!... O Pôrdo é o rei dos prégo!
Magine: Inda honte, nhô Nóero,
elle me disse que o Tanho
— que agora tá meio cégo —,
Quando dorme, dorme de vero
mór-de inxergá mió os sonho!..."

"Sertão Alegre" faz rir algumas vezes; faz sorrir sempre.

LEONCIO CORREIA.

Leiam
"CINEARTE"

REALART
Esmalte - Creme -
Agua de Colonia
Gaby
Agua de Colonia Gaby
Creme Gaby
Esmalte Gaby
Premiado no estrangeiro, Rio e S. Paulo.

O team do "America" quando começou a disputa do Campeonato do anno passado

EDIÇÕES
PIMENTA DE MELLO & C.
TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUCÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch 16$, enc..... 20$000

TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$, enc.......... 40$000

TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25$ cada tomo, enc., cada tomo.......... 30$000

THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30$000, enc. 35$, 2º vol. broch. 25$, enc.......... 30$000

CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20$, enc.......... 25$000

FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25$000, enc.......... 30$000

IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16$000, enc.......... 20$000

TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch..........enc.

MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20$. enc. 25$000

LITERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo.......... 16$000

O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte.......... 2$000

CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno.......... 5$000

COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.... 4$000

PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort.. 5$000

BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira de Gastão Penalva.......... 5$000

LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.......... 5$000

ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.......... 5$000

OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch.......... 7$000

A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Alvaro Moreyra, 1 vol. broch.......... 5$000

ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch.......... 6$000

TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho.. 8$000

ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier.......... 8$000

DESDOBRAMENTO, de Maria Eugenia Celso, broch.......... 5$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.......... 4$000

HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor. 5$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição. 20$000

CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.......... 10$000

CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart.......... 1$500

CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva.......... 2$500

QUESTÕES DE ARITHMETICA theorias e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré.......... 10$000

APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. cart..... 6$000

LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição).......... 5$000

ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart.......... 10$000

PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.......... 3$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.......... 18$000

OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch.......... 18$000

THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart... 6$000

HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.) 1 vol. broch.......... 5$000

PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20$, 1 vol. broch.......... 16$000

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.).......... 5$000

UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.).......... 18$000

INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe.......... 10$000

PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe.......... 6$000

SÃ MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes.......... 10$000

ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em verso e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas cart.......... 6$000

●

COMO ESCOLHER UMA BÔA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.).......... 4$000

BIBLIA DA SAUDE, enc.......... 16$000

MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.......... 6$000

EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch... 5$000

A FADA HYGIA, enc.......... 4$000

COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc. 5$000

FORMULARIO DA BELLEZA, enc.......... 14$000

Officinas Graphicas d'O MALHO